

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Palavra, Corpo e Presença:
A arte do professor contador de histórias**

Orientanda: Lívia Rodrigues Pinheiro Leiria

Orientadora: Márcia Maria Strazzacappa Hernández

2011

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

<p>L534p</p>	<p>Leiria, Livia Rodrigues Pinheiro. Palavra, corpo e presença: a arte do professor contador de histórias / Livia Rodrigues Pinheiro Leiria. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.</p> <p>Orientadora: Márcia Maria Strazzacappa Hernandéz. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Arte de contar histórias. 2. Formação de professores. 3. Arte e educação. I. Strazzacappa Hernandéz, Márcia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">11-022/BFE</p>
--------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Título em inglês: Word, body and presence: the art teacher's storyteller

Keywords: Art of storytelling; Continuing teacher education; Art and education

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Márcia Maria Strazzacappa Hernandéz (Orientadora)

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Profª. Drª. Lúcia Helena Reily

Profª. Drª. Ana Lúcia Guedes-Pinto

Data da defesa: 28/02/2011

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: lviapinheiro@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título PALAVRA, CORPO E PRESENÇA: A arte do professor contador de histórias

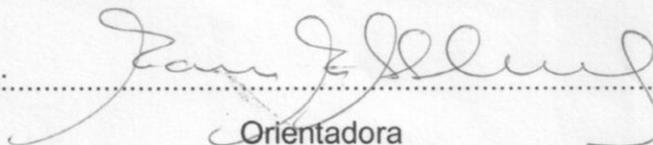
Autor: Lívia Rodrigues Pinheiro Leiria

Orientadora: Márcia Maria Strazzacappa Hernández

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Lívia Rodrigues Pinheiro Leiria e aprovada pela Comissão Julgadora.

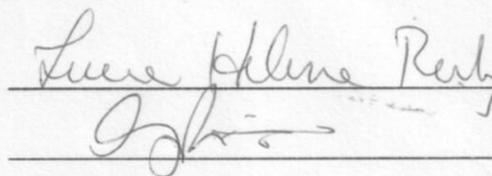
Data:

Assinatura:.....



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



2011

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender qual a contribuição da Arte de contar histórias no processo de formação continuada de professoras do Ensino Fundamental da rede estadual do Estado de São Paulo. Foi desenvolvida por meio do oferecimento de uma oficina de formação de “narração de histórias” a um grupo de professoras, na qual foi dada a oportunidade de pensarem sobre a arte de contar histórias e as suas possibilidades em sala de aula. O grupo-sujeito da pesquisa era formado por professoras (todas mulheres) que lecionam na cidade de Campinas, nas séries iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental. A oficina foi composta por oito encontros de três horas cada, por mim dirigida. Na oficina buscou-se: sensibilizar as professoras para a arte de contar histórias, utilizar os recursos cênicos para trabalhar a expressão corporal, oferecer às participantes oportunidades de reflexão e estudo sobre as obras literárias e os contos populares e como trabalhar com os mesmos em sala de aula, proporcionar momentos de criação e descoberta de si e do outro, usar diversas linguagens (desenho, música, dança entre outras) como forma de manifestação de ideias e sentimentos. A pesquisa pretende relatar e analisar o percurso desse grupo de professoras por meio dos relatos e entrevistas recolhidas, como também através dos registros do diário de campo, buscando evidenciar as mudanças ocorridas neste processo do trabalho na oficina oferecida, e os possíveis desdobramentos dessa prática nas atividades em sala de aula ou na relação professor-aluno.

Palavras-chaves: Arte de contar histórias, formação de professores e arte educação.

ABSTRACT

The study observed the possible benefits that the storytelling art might have had on the ongoing training process of teachers in the São Paulo elementary education public system. A storytelling workshop was offered to a group of teachers; the main goal was to have the teachers reflect upon the different possibilities of implementing storytelling in the classroom. The study group was composed by educators (all females), who taught at the elementary level (1st to 5th grade) in the city of Campinas. The storytelling workshop had eight meetings and each meeting lasted three hours. I personally conducted all the meetings. The main targets of the workshop were: to help the teachers create an awareness of the storytelling art; to utilize artistic resources to develop body expression; to offer the participants the opportunity to reflect on and to study literary pieces and popular tales; to discuss strategies to incorporate the literary pieces and the popular tales in the curriculum; to offer experiences that developed creativity, self discovery and the discovery of others; to use various communication channels (drawing, music, dance, and others) as ways to express ideas and feelings. This research focused on narrating and analyzing the trajectory of the subject group throughout the workshop meetings. Data was collected via interviews, spontaneous observations, and journal entries. The study tried to identify the progress and changes in the teachers as a result of the experiences they had in the workshop, and the possible implications that these changes might have had in the classroom instruction and in the teacher-student relationship.

Key-words: Art of storytelling, teacher training and art education.

*Para os meninos da minha vida,
que fazem desses meus dias
a mais linda história.
Para Luiz, João Vitor e Lucas.*

Eu agradeço...

Ao Criador de todas as coisas, que num sopro de vida, permitiu que eu estivesse aqui para realizar este trabalho.

A minha pequena família, mas tão grandiosa! Ao meu marido Luiz pelo amor e compreensão. Se não fosse a sua força talvez não tivesse prosseguido. João Vitor, filho exemplar que chorou, mas entendeu todas as vezes que precisei me ausentar para realizar esse trabalho. Ao Lucas, que está chegando um tanto “quadrado”, pois foram muitas essas horas, sentada em frente ao computador.

Meu pai e minha mãe pela incansável doação e dedicação aos filhos. Por todos os “sins e nãoos” que disseram e que me fizeram aprender que a vida é feita de escolhas. E amanhã, é outro dia! Diogo e Aline, irmãos e amigos, que me ensinaram a dividir tudo o que tenho e a lutar pelo meu espaço.

Aos meus sogros que mesmo estando tão longe, estão sempre presentes nos dando força e coragem para seguir em frente. Minha cunhada, pelo exemplo de professora-pesquisadora-mãe e ao Arthur que me deu a alegria de ser chamada de titia.

A paciência da minha orientadora Márcia Strazzacappa e a convivência preciosa que tivemos. Aos professores do grupo LABORARTE: Ana Angélica Albano, Eliana Ayoub e Rogério de Moura que fazem deste grupo um diferencial na Faculdade de Educação. E a todos os colegas pesquisadores, com quem pude compartilhar angústias e conquistas. Em especial, agradeço Érika Lenk, Juliana Gurgel, Raquel Gouvea e Simone Cintra.

A importante contribuição dos professores, membros da minha banca de qualificação, Guilherme do Val Toledo e Ana Lúcia Guedes.

As professoras e amigas personagens principais dessa história.

As amigas e formadoras de professores, com quem aprendi sobre a “arte de formar”, Renata Frauendorf, Angélica Ancona, Dilma Nichiama, Lucimara Perim e Maria Pavan. As supervisoras de ensino Áurea Célia Pontes, Norma Rogeri e Regina Pereira; e ao Dirigente regional de ensino da Diretoria de Ensino de Campinas Leste, Nivaldo Vicente, pela compreensão e ajuda em todos os momentos em que precisei.

Ao escritor Ricardo Azevedo pelos sábios conselhos nas horas de desânimo dessa pesquisa, pelas indicações, caminhos, contatos e seus deliciosos livros. A Regina Machado, por tudo que aprendi e pela versão do conto “Os dois sonhadores”.

Aos amigos, que de alguma forma, participaram de toda essa história, ou melhor, quase uma novela. Obrigada!

SUMÁRIO

1- Introdução	8
2- Palavra	14
3- Corpo	21
3.1- O grupo Manauê – o “era uma vez” da minha história.....	22
3.2 – Encontro com a Arte da contadora Regina Machado.....	24
4- Presença	31
5- Pesquisa de Campo – A formação continuada dos professores	36
5.1 – Primeiro Encontro: uma conversa inicial sobre a Arte de contar histórias	40
5.2 – Segundo Encontro: Um pouco de Arte	44
5.3 – Terceiro e Quarto Encontro: Memórias Compartilhadas	45
5.4 – Quinto Encontro: O lugar onde as histórias habitam	50
5.5 – Sexto Encontro: Estudo do conto “Príncipe Adil e os leões” – Parte I	54
5.6 – Sétimo Encontro: Estudo do conto “Príncipe Adil e os leões” – O retorno, parte II.....	57
5.7 – Oitavo Encontro: Estudo dos personagens conto “Príncipe Adil e os leões”	60
6- Considerações Finais	66
6.1 – Entrou por uma porta... e saiu por onde?	74

7- Referências Bibliográficas	75
8- Anexos	78
Lista de Fotos	78
Conto “Os dois sonhadores”	79
Conto “Príncipe Adil e os leões”	81
Questionário da entrevista inicial	86
Lista de perguntas – 1º Encontro	87

INTRODUÇÃO

Essa história pode começar com “Era uma vez...”, ou “Há muitos anos atrás...”, “No tempo em que os animais falavam...”; enfim, essa história começa como todas: pelo início de tudo. Havia um lugar: o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp. Num tempo: ano de 2001. A personagem principal desta história: uma aluna da graduação que, em seu primeiro ano na Universidade, inicia concomitantemente um curso de Contadores de histórias, com o Grupo Manauê.

Meu processo de formação acadêmica foi marcado pela prática e pelo estudo como contadora de histórias, juntamente com o curso de Pedagogia. Uma professora – contadora, ou uma contadora - professora? Como preferir!

Muito prazer, eis quem vos fala: a personagem desta história. Personagem esta, que inicia seu trabalho como contadora de histórias no Grupo Manauê, que era composto por estudantes ou recém formadas no curso de Pedagogia da Unicamp, uma mestranda em Educação Física e uma outra integrante fonoaudióloga. Um grupo de formação heterogênea, mas com um intuito comum: resgatar e difundir a arte de contar histórias. De 2001 à 2008, trabalhei em sessões de narrações de histórias em diversas escolas, bibliotecas, eventos etc. O grupo Manauê oferecia oficinas para formar novos contadores em faculdades, escolas, núcleos de assistência social da prefeitura de Campinas, dentre outros espaços. Pesquisei e ampliei meu repertório sobre a arte de narrar, participando de congressos e seminários sobre o tema.

Em 2005, na Escola de Comunicação e Artes da USP, tive o privilégio de participar de uma oficina, oferecida pela contadora e pesquisadora, Regina Machado, uma das principais referências da área. Essa oficina foi um marco no trabalho do Grupo Manauê e na minha formação, pois passamos a estudar a importância dos contos de tradição oral no trabalho do contador de histórias atual.

No final da graduação, escrevi meu trabalho de conclusão de curso que tinha como objetivo fazer uma reflexão sobre as contribuições da arte de contar histórias na minha formação como pedagoga. Trilhei caminhos, revisei imagens e lembranças, dialoguei com autores que falavam sobre o tema e outros que eu havia conversado durante a graduação.

Pude então, ver impresso em folhas brancas, cores de um percurso significativo e a história de uma formação.

Ingressei na rede pública estadual como professora do ensino fundamental I – a 1ª e 4ª série de antigamente, ou o atual 1º ao 5º ano. A arte de contar histórias continuou trilhando novos caminhos dentro da sala de aula, diferentemente de como vinha trabalhando como membro do grupo Manauê, onde fazíamos espetáculos, sessões em bibliotecas, aniversários, oficinas de formação, dentre outros trabalhos. Na escola, o trabalho com as histórias é diário, tanto nos momentos de leitura, como em aulas de Língua Portuguesa, História, Geografia, entre outros conteúdos. Essa experiência como contadora contribuía à minha prática como professora, fortalecia meu trabalho e a relação com as crianças.

A personagem desse enredo agora era professora e contadora; as vezes mais professora e tantas outras contadora. Por horas tão misturdas e bagunçadas... entre buscas e enroscadas. A sala de aula, que na infância encantava, agora entristecia e sufocava a professora contadora, recém saída do antro das ideologias e teorias.

E nessa história de uma professora contadora, o encontro de tantas histórias de um grupo de crianças de 1ª série que colocaram em xeque a vontade de infância de me tornar uma professora. Eram mais de 37 alunos, entre 6 e 7 anos de idade, matriculados naquela classe de janela grande e cheia de grades, por onde, nem um mosquito conseguiria passar.

Dentro daquela sala quadrada, enquadravam-se crianças pequenas, algumas muito pobres, outras sujas, outras tantas arrumadinhas. Barulho, gritaria, soco e chute. Cantoria, “abecedário”, cores e cheiros. Eu não havia aprendido na faculdade o que fazer com esse infinito de coisas... e mais, eu não sabia como e o quê de fato fazer para que aquelas crianças aprendessem a ler e a escrever. Li os textos da Emília Ferreiro, conhecia as hipóteses de escrita e sabia analisar o que os alunos escreviam. Mas o que fazer com tudo isso?

Letramento,
Fundamento,
Aprimoramento.
Alfabetização,
Educação,

Metodologização,
Psicologização,
Socialização.

Esse monte de coisas juntas não me ofereciam, diante daquela turma de crianças, um rumo para o trabalho em sala de aula.

Mas havia uma coisa que eu sabia fazer e que as crianças gostavam muito: contar histórias! Desde o nosso primeiro encontro, as histórias iam nos costurando e estabelecendo os primeiros pontos da nossa relação.

E foi através desses momentos que pude estabelecer um diálogo afetivo com aqueles personagens-alunos, e construímos juntos, um conhecimento sobre a complexidade do ato de educar e de aprender. A hora de ouvir histórias (seja na sala, embaixo da árvore, no pátio etc) era o mais esperado pelas crianças e por mim, pois ouvíamos os mosquitinhos zunindo – aqueles que nos espiavam pela janela, porque não passavam pelas grades.

Dessa forma, pude passar o ano de 2006 com essa turma de 1ª série. Alguns se alfabetizaram, outros não. Porém, tive a oportunidade de ser professora novamente da mesma turma em 2009 e, mais uma vez, encontrei aquelas crianças, agora na 4ª série. E a maior lembrança desses alunos eram as histórias e os livros que lemos juntos. Entretanto, essa é uma outra história que pode ficar para outro momento.

Nesse emaranhado de acontecimentos, a personagem protagonista borbulhava de questões e idéias: o que há nesse momento de ouvir histórias que encanta e contagia as crianças de uma 1ª série? Como me veem, esses alunos, no papel de professora e em um corpo expressivo, no qual habitam contos, gestos, palavras e canções? Era o início do projeto para o mestrado, ou seja, o estopim dessas palavras que podem ser lidas nesse instante.

Comecei a indagar: será que professores que experimentaram ou que tiveram algum contato com essa arte de contar histórias se sentem como eu? E aqueles que não passaram por esta experiência, se tivessem a oportunidade de ter esse contato com a arte de contar histórias, será que se sentiriam como me sinto? Será que sua prática educativa mudaria em algum aspecto?

Há uma saga determinada para o herói, como nos contos. É nesse percurso que a personagem dessas linhas segue a sua trajetória, pensando e propondo uma educação

escolar voltada para o sensível, para o corpo expressivo, a arte e as histórias. Nesta trajetória, um conto em especial chamado *Os dois sonhadores*¹ que se entrelaçou a minha história de pesquisa, ora me perseguia, outras me cutucava ou confortava. Usarei os trechos dessa narrativa para acompanhar e ilustrar essa minha viagem.

Há muito tempo atrás, na cidade de Ispahan na Pérsia, vivia um camponês muito miserável. Ele tinha uma casa humilde cor de terra ensolarada. Na frente da casa, tinha um caminho de pedras e no final desse caminho, havia uma fonte e uma enorme figueira. Isso era tudo o que aquele pobre homem tinha.

Esse homem trabalhava muito, porém a sua colheita era sempre um fracasso. Na fachada de sua humilde casa havia um relógio solar, já um tanto apagado pelo tempo, e quando este relógio indicava meio dia, o pobre homem fazia a cesta na aconchegante sombra de sua figueira.

Um dia, quando acabou adormecendo com a nuca contra o tronco da árvore, ele teve um sonho. No seu sonho, estava numa populosa, vasta e magnífica cidade. Ele caminhava por uma viela cheia de pequenas lojas que vendiam frutas, especiarias, cobre e tecidos multicoloridos. Ao fundo, bem ao longe, podia ver o céu azul onde apareciam os minaretes e as cúpulas dos palácios dourados. O homem contemplava com vigor todas essas riquezas, belezas e os rostos dispersos na multidão que andava pela cidade. Em seu semblante transparecia toda a luminosidade e a beleza deste sonho sagrado. Ao continuar a caminhada pela cidade, ele chegava próximo a beira de um rio, que era atravessado por uma ponte feita de pedras. Ali encontrava maravilhado, logo na primeira pedra da ponte, um cofre aberto com um prestigioso tesouro repleto de pedras preciosas e pepitas de ouro. Neste momento ele ouvia uma voz que lhe dizia: “Você está aqui na cidade do Cairo, no Egito. Esse tesouro, meu amigo, é todo prometido a você.” Mas ao acabar de ouvir essas palavras, o homem acordou debaixo de sua figueira em Ispahan. Pensou rapidamente que Allah o amava e queria enriquecê-lo. “Verdade”, ele disse, “esse sonho deve ser fruto da indulgente bondade de Allah!”.

Naquele mesmo instante, o homem preparou a sua trouxa, escondeu a chave de sua casa entre duas pedras no muro e foi embora para as terras do Egito procurar o seu tesouro.

A pesquisa parte da indagação sobre a contribuição da Arte de Contar Histórias na formação de professores. Traz como pergunta principal de que forma essa arte contribui para ressignificar da prática pedagógica no espaço escolar? A hipótese adotada na pesquisa é de que a vivência ao se experimentar, vivenciar, entrar em contato com a Arte de contar histórias transforma a prática do educador. O que muda no seu dia-a-dia, em sala de aula, depois que experimenta a possibilidade de contar histórias e ver-se transformado pela mesma?

¹ GOUGAUD, Henri. *Contes des sages sufis*. Ed du Seuil, 1979.

Surgiram outras questões que complementaram a investigação:

- Como a Arte transforma a educação escolar?
- De que forma a Arte de Contar Histórias está presente na prática dos educadores?
- Quais são as possibilidades do professor ressignificar a própria prática pedagógica ao passar por experiências artísticas?
- Há transformação na relação professor-aluno, no momento de ouvir/contar histórias, e no próprio processo ensino/aprendizagem?

A metodologia utilizada no desenvolvimento do projeto se deu por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa, combinada pela pesquisa bibliográfica e de campo.

A justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto. Sendo assim, as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo. Da mesma maneira as pessoas, os gestos, as palavras estudadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem. (Lüdke, 1986, p.12).

Ao escolher uma abordagem qualitativa de pesquisa, busquei coletar dados predominantemente descritivos, os quais pudessem dar margem de análise e interpretação. Minha preocupação esteve presente em observar e registrar, por meio de um diário de campo, de fotografias e de pequenos trechos de vídeos, todo o processo do trabalho de campo. Desta forma pude estudar e verificar como as integrantes dessa pesquisa se manifestaram nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas (1986, p.12).

O estudo bibliográfico procurou levantar obras relacionadas à temática a ser tratada, como “educação através da arte”, formação de educadores, arte de contar histórias e utilização de recursos cênicos na formação do professor/contador.

A pesquisa de campo foi desenvolvida em duas etapas: uma entrevista inicial que tinha como objetivo levantar dados sobre sua prática educativa e os recursos que utilizam para contar histórias em sala de aula e, a segunda etapa, foi composta pela participação destas professoras em uma oficina de formação, oferecida pela contadora-pesquisadora.

Primeiramente, aceitaram fazer parte deste projeto oito (8) professoras. A entrevista inicial foi realizada apenas com cinco (5) delas. Essas lecionavam na rede estadual de ensino fundamental, nas séries iniciais no ano de 2008.

Participaram desta pesquisa sete (7) professoras com idade entre 22 e 61 anos, seis delas são pedagogas e uma professora graduada em Educação Física, com distintas experiências na docência na rede pública. No grupo inicialmente formado por sete professoras, permaneceram quatro.

A oficina de formação intitulada “A arte do professor contador de histórias”, tinha como objetivos:

- sensibilizar as professoras para a arte de contar histórias, enfocando o resgate de memórias e valores;
- utilizar os recursos cênicos para trabalhar a expressão corporal e oral;
- oferecer às participantes oportunidades de reflexão e estudo sobre obras literárias e contos tradicionais, e as possibilidades de trabalho com os mesmos;
- valorizar o trabalho em grupo, por meio de dinâmicas que proporcionem momentos de criação e descoberta de si e do outro;
- usar outras linguagens (artes plásticas, música, teatro, dança e poesia) como forma de manifestação de ideias e sentimentos.

A oficina oferecida aconteceu em vinte e quatro (24) horas, divididas em oito encontros de três (3) horas/aula cada uma. Nesses encontros foram realizados exercícios em grupo, seguidos de reflexões decorrentes destes, contemplando os seguintes tópicos: relaxamento, histórico da Arte de Contar Histórias, recursos internos e externos utilizados para se contar histórias e discussão sobre a postura do contador de histórias frente ao público. Essa etapa da pesquisa foi registrada por meio de fotos, pequenas filmagens e em um diário de campo.

Ao final dos oito encontros, tivemos uma conversa para avaliar o trabalho realizado, a qual foi filmada e transcrita para ser analisada. Os dados fazem parte do texto, ora para ilustrar, ora complementar as análises desse estudo.

A viagem foi longa e perigosa, mas, graças ao seu pé forte e a sua boa saúde, nada lhe aconteceu. Ele escapou de brigadas, de animais selvagens e de várias armadilhas da estrada. No final de três exaustivas semanas, ele chegou à cidade do Cairo e encontrou tudo exatamente como havia sonhado.

PALAVRA

Uma palavra (Chico Buarque)

*Palavra prima
Uma palavra só, a crua palavra
Que quer dizer
Tudo
Anterior ao entendimento, palavra*

*Palavra viva
Palavra com temperatura, palavra
Que se produz
Muda
Feita de luz mais que de vento, palavra*

*Palavra dócil
Palavra d'água pra qualquer moldura
Que se acomoda em balde
Em verso, em mágoa
Qualquer feição de se manter palavra*

*Palavra minha
Matéria, minha criatura, palavra
Que me conduz
Mudo
E que me escreve desatento, palavra*

*Talvez, à noite
Quase-palavra que um de nós murmura
Que ela mistura as letras que eu invento
Outras pronúncias do prazer, palavra*

*Palavra boa
Não de fazer literatura, palavra
Mas de habitar
Fundo
O coração do pensamento, palavra.*

A matéria prima do contador de histórias é a palavra. É pela palavra e através dela, que o narrador realiza sua tarefa de encantar, divertir, assustar ou impressionar os seus ouvintes. É a favor da palavra viva, que ele emociona e transforma aquele que ouve como também a si mesmo, e assim o contador de histórias trilha seu caminho trabalhando nas bibliotecas, praças, teatros, escolas, dentre outros espaços de encontro com o outro.

O perfil do contador mudou com o passar dos tempos: antigamente os contadores tradicionais aprendiam a sua arte ouvindo outros narradores, participando de uma comunidade a qual tinha como base da cultura, a oralidade. Benjamin em seu ensaio “O

Narrador”, alerta para o desaparecimento dos narradores e que, a experiência da arte de narrar, está em vias de extinção.

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1987, p. 198).

Mas hoje, podemos apreciar espetáculos de contadores de histórias, por todo o Brasil e em vários lugares do mundo. Os novos contadores conhecidos como contadores urbanos (ROCHA, 2010), divulgam sua arte por meio de performances, espetáculos, rodas de histórias, oficina e saraus. Alguns utilizam outras linguagens para abrilhantar o trabalho, como a música, as artes plásticas, ou a dança; outros se expressam utilizando apenas o seu corpo e sua voz. A volta dos “novos contadores” vem seguida de uma roupagem, figurino, sonoplastia e também um outro corpo, um outro olhar. Não são os sábios, comerciantes ou marinheiros que contam histórias, são os artistas, *performers*, professores, músicos, entre outros.

Há algumas diferenças entre os contadores tradicionais e os contadores urbanos: a forma como aprenderam ou aprendem essa arte, os recursos utilizados para narrar, o contexto histórico, dentre outros fatores (ROCHA, 2010). Mas existe algo que não mudou: ambos continuam a serviço da palavra. Continuam a propagar essa arte milenar, pelos quatro cantos do mundo, pela palavra e através da palavra.

O contador de histórias tem uma matéria-prima sobre a qual trabalha. Assim como qualquer outro artista, ele materializa uma ideia, neste caso, uma “ideia narrativa” que se desenvolverá numa sucessão de imagens que será criada a partir de sua ferramenta principal: a palavra oral, ou seja, a matéria-prima do contador de histórias é a narrativa e sua ferramenta principal, a palavra oral. Outras ferramentas podem ser utilizadas na sua obra a serviço da narrativa: o movimento, a música, os objetos (...). (ROCHA, 2010, p.50).

Mas o que contam esses narradores? Qual era o repertório dos contadores tradicionais? E os contadores urbanos, o que contam para sua plateia?

Das bibliografias estudadas, das apresentações assistidas e do próprio trabalho que desenvolvi como contadora de histórias do Grupo Manauê, pude perceber que a maioria dos narradores atuais traz em seu repertório os contos tradicionais ou os contos populares, enfim, a herança cultural dos contadores tradicionais.

Os contos tradicionais² são tesouros, que nossos antepassados nos deixaram como forma de memória, pois revelam “informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos.” (CASCUDO, 2002, p.12). Para Regina Machado, “O bom contador de histórias é alguém que de alguma maneira se dispõe a ser porta voz desse tesouro.” (2004, p.64).

Esses contos, é bom lembrar, são típicas expressões de culturas orais (sem escrita), ou seja, culturas que não contam com recursos para fixar informações. De narrador em narrador, guardados, através dos séculos, na plasticidade da memória e da voz, viajaram para todos os lados sendo disseminados pela transmissão boca a boca. Nesse processo, sofreram todo tipo de modificação: fusões, acréscimos, cortes, substituições e influências. Em tese, numa simplificação, de um mesmo mito (narrativa sagrada arcaica) europeu, por exemplo, podem ter surgido infindáveis e variadas histórias, marcadas pelas diversas culturas por onde passaram e recriadas por um sem número de contadores (cada um com seu estilo). (AZEVEDO, 2008, p. 180)

Contos de fadas, contos de encantamento, contos de assombração, contos de esperteza, contos de animais... – como alguns autores buscaram classificar os contos tradicionais - o que pretendo destacar é que, os novos contadores, buscam as suas histórias para compor seu repertório, na maioria das vezes, em registros escritos. Hoje podemos encontrar uma vasta bibliografia a qual traz histórias da tradição oral recolhidas no mundo inteiro. Autores como Câmara Cascudo e Silvio Romero saíram pelo Brasil afora, resgatando os contos populares tal e qual eram contados pelos narradores tradicionais. Hoje, outros autores da atualidade, recontam os velhos contos tradicionais imprimindo a sua marca de autoria, seu estilo e seus sentimentos diante de cada história contada.

Como afirma Ricardo Azevedo, “Mesmo em versões contemporâneas feitas por escrito, o conto popular continua marcado pela narrativa oral, pois tende a manter certas características do discurso falado e pressupõe sempre uma voz que narra e um ouvinte.” (2008, p.183).

Mas, por que os narradores atuais escolhem os contos tradicionais como parte do seu repertório?

Regina Machado explica que,

² Sobre as definições de Contos Populares vide CASCUDO, Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2002.

Os contos milenares são guardiões de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas; partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrolam trajetórias de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final da história em seres outros, diferentes e melhores do que no início do conto. O que faz com que nós, narradores, leitores e ouvintes, nos vejamos com outros olhos. (2004, p.15).

Os contos populares são ricos em temas polêmicos que nos colocam diante de conflitos vividos diariamente. Eles servem para todos, pois falam de características humanas que perduram por séculos e séculos. Suas características estruturais aproximam tanto o contador como quem ouve o conto. Ele tem essa flexibilidade de “forma de narrar” porque é uma herança popular, contada de boca em boca, de geração para geração e é permissível de se colocar impressões próprias do contador. “Quem conta um conto aumenta um ponto”, como diz o provérbio popular.

Quando o contador se permite adentrar pelas estradas do conto e mergulhar na sua magia e encantamento, por meio da experiência estética significativa, acaba saindo transformado. Machado coloca que o contador de histórias

“recebe o aventureiro convite do conto para passear pela sua paisagem. Por meio desse passeio, também se transforma. Deixando-se conduzir pelas imagens do conto e pela disposição amorosa de encontro com o desconhecido, percorre ao mesmo tempo a paisagem de suas imagens internas.” (2004, p.41).

O conto popular aproxima o contador da sua prática, como alguém que toma posse de algo, que é de direito de todos, e se propõe a manter viva essa tradição.

Regina Machado, em seu livro *Acordais*, fundamenta seus estudos sobre a arte de contar histórias e o que podemos aprender em contato com essa arte. A experiência do contato com os contos tradicionais possibilita “uma aprendizagem que vai muito além dos objetivos usualmente listados nos planejamentos escolares” (2004, p.26).

O contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiência. (2004, p. 27).

Sobre as imagens internas, a autora (2004, p.27) explica de forma ilustrativa, como se fosse uma floresta dentro de nós, mais ou menos na altura do nosso peito. Nessa floresta, as árvores da fileira da frente são nossas tarefas sociais que cumprimos cotidianamente e as propagandas, divulgadas pela mídia, também se dirigem a essas árvores. Mas existem as

árvores do fundo, aquelas que não são atingidas pelo condicionamento social e lá estão as nossas imagens mais significativas, as quais carregamos pelo decorrer de nossas vidas. “É para essas árvores que as histórias tradicionais se dirigem quando entramos em contato com elas.” (p.27).

Machado acredita que o contato com a arte de contar histórias pode transformar, tanto aquele que ouve como, principalmente, aquele que conta. E foi pensando no processo de aprendizagem que a arte de contar histórias possibilita, como também, por esse encontro significativo com os contos tradicionais, como matéria-prima desse contador de histórias, que essa pesquisa foi pensada e realizada.

A escola sempre foi um espaço privilegiado para se ouvir e contar histórias e o principal encarregado dessa atividade é o professor. Mas, os professores contam histórias para seus alunos? Que histórias costumam contar para as crianças? Como preparam esse momento?

A rede estadual de ensino do Estado de São Paulo é o lugar de onde eu falo como professora e também o contexto no qual se insere o objeto de estudo dessa pesquisa. Na escola pública estadual, os professores são orientados a contar histórias todos os dias aos estudantes. A justificativa para essa orientação se pauta no fato de que essa prática estava sendo pouco trabalhada nas salas de aula de uns anos para cá.

Em 2009, com a implantação do Programa Ler e Escrever³ nas séries iniciais do Ensino Fundamental do Ciclo I, na Coordenadoria de Ensino do Interior (CEI), intensificou-se a formação dos professores coordenadores, responsáveis em orientar a prática dos professores de suas escolas. Essa formação teve como foco, durante aquele ano letivo, a leitura em voz alta feita pelo professor, todos os dias, no início do dia escolar. Foi enviado para as escolas, no final de 2008, um acervo literário⁴ de inúmeros títulos e

³ “Mais do que um programa de formação, o *Ler e Escrever* é um conjunto de linhas de ação articuladas que inclui formação, acompanhamento, elaboração e distribuição de materiais pedagógicos e outros subsídios, constituindo-se dessa forma como uma política pública para o Ciclo I, que busca promover a melhoria do ensino em toda a rede estadual. Sua meta é ver plenamente alfabetizadas, até 2010, todas as crianças com até oito anos de idade (2ª série/3º ano) matriculadas na rede estadual de ensino, bem como garantir recuperação da aprendizagem de leitura e escrita aos alunos das demais séries/anos do Ciclo I do Ensino Fundamental.” Fonte www.lereescrever.fde.gov.br, acessado em 08/11/2011.

⁴ O Acervo Literário compõe-se de 526 títulos, de diferentes gêneros literários, que foram distribuídos para todas as classes do Ciclo I da rede pública estadual de ensino de São Paulo e que, junto com outras estratégias do Programa Ler e Escrever, têm o propósito de fomentar práticas de leitura entre nossos jovens leitores. Fonte www.lereescrever.fde.gov.br, acessado em 08/11/2011.

variados gêneros de autores consagrados da literatura infanto-juvenil. A rede estadual de São Paulo recebeu mais de 40 títulos por sala de aula.

A leitura em voz alta pelo professor tem como objetivo único o “ler para apreciar”, para possibilitar às crianças a oportunidade de se emocionar, se assustar, se divertir ou se aventurar com as histórias. Foi uma forma de resgatar o velho e bom momento de se ouvir histórias nas escolas e de subsidiar esse momento com um acervo de qualidade.

Mesmo com as orientações, formações e materiais disponibilizados pela Secretaria de Educação, alguns professores ainda não realizam esse momento de apreciação das histórias e também não utilizam o acervo literário. Outros realizam sem preparo, sem ler as histórias previamente e fazem desse momento prazeroso, um terror para as crianças.

Os contos populares ainda são os favoritos das crianças e de seus professores, principalmente os contos de fadas, como Chapeuzinho Vermelho, Os três porquinhos, Branca de Neve, Rapunzel, João e o pé de feijão, Cinderela, entre outros clássicos. Porém, os professores oferecem para seus alunos, na maioria das vezes, versões simplificadas e estereotipadas, como se fossem as únicas versões disponíveis e acabam não utilizando o acervo disponibilizado pela Secretaria de Educação. Dessa forma, os contos ficam “parados nas árvores da frente”, como nos explicou Regina Machado anteriormente, e perdem a sua delícia do mistério em dialogar com o que há de mais precioso dentro de nós – nossas árvores do fundo.

As professoras, que integraram essa pesquisa, relataram na entrevista inicial a periodicidade com a qual realizam a leitura em voz alta, a escolha de suas histórias e como preparam esse momento.

Uma professora participante da pesquisa, lê todos os dias para a sua 3ª série e relata que:

Semanalmente eu procuro ter um dia pra fazer uma contação bem legal. O que eu não faço é preparar, por exemplo, elementos cênicos pra levar pra sala de aula, geralmente eles ficam a cargo das crianças. Elas usam o corpo, a voz, elas que fazem os complementos cênicos das contações. E semanalmente eu conto uma história... eu elaboro minha contação, eu leio a história antes, eu estudo o texto vejo onde eu vou pausar, como que eu vou suspirar, como que eu vou trocar de voz ou não. Mas todos os dias eu leio algum texto. Mas nem todos os dias são textos que contam alguma história. Aí tem alguns dias que eu preparo assim, mas toda semana pelo menos uma vez.

Essa educadora já teve uma experiência como contadora de histórias em um grupo chamado Trilharestórias durante dois anos e, em seu relato, podemos perceber uma prática mais preocupada com os recursos artísticos do que com os conteúdos escolares. Ela reconhece a importância do seu preparo para contar as histórias – entonação e pausas – como também, a impossibilidade de fazer um trabalho desses todos os dias para seus alunos.

O relato de outra professora destaca a frequência com que tem desenvolvido o momento da leitura diária feita pelo professor, tem feito seus alunos valorizarem essa prática como algo importante dentro das atividades escolares.

E o que eu vejo que quando eu não falo nada da hora da leitura, eles já pedem: você não vai ler? Eu penso que está fazendo sentido pra eles. Eles encaram a hora da história como mais uma das atividades importantes que eles estão fazendo.”

Essa importância dada pelos alunos para esse momento é justificada por Regina Machado como

Quando ouvimos um conto – adultos ou crianças -, temos uma experiência singular, única, que particulariza cada um de nós, no instante da narração, uma construção imaginativa que se organiza fora do tempo da história cotidiana, no tempo do era. Tal experiência diz respeito à universalidade do ser humano e, ao mesmo tempo, à existência pessoal como parte dessa universalidade. (...) À medida que ouvimos a história, somos transportados para “lá”, esse local desconhecido que se torna imediatamente familiar. A história só existe quando é contada ou lida e se atualiza para cada ouvinte ou cada leitor. (2004, p. 23).

Da mesma forma como a palavra está a serviço do contador e que os contadores também realizam a sua arte pela beleza e pela força da palavra, nós, professores, também temos a palavra como matéria-prima do nosso trabalho. Cabe a nós escolhermos o que é mais adequado para o repertório em sala de aula. Os contos tradicionais são fontes de aprendizagem para nossas crianças e podemos encontrá-los em coletâneas de contos disponíveis nas escolas estaduais. Faz-se necessário refinar nosso olhar para esse tesouro, conhecer sua estrutura, seu ritmo, personagens e cadência. O que veremos nos próximos capítulos.

*“Não dê a ponta do dedo
que logo te levam a mão
depois da mão, vai o braço,
vai o peito e o coração”.*⁵

Contar histórias é mais do que oferecer palavras, do que movimentar mãos, imitar vozes ou gestualizar ações. Naquele que conta, transparece o peito e as palavras são repletas de vida, perduram pelos séculos ao criar morada na memória da humanidade. Para que a palavra seja viva, o contador de histórias utiliza seu corpo como instrumento de manifestação de sua arte, oferece sua expressão viva para dar brilho e emoção à sequência da narrativa. Dessa forma, ao contar, o narrador empresta seu corpo para a história a fim de que esta impere para os ouvintes acima de qualquer coisa.

Neste capítulo, abordarei aspectos do corpo no ato de contar histórias. Não pretendo adentrar nem aprofundar os estudos já realizados sobre o corpo em movimento, o corpo do ator, o corpo no espaço escolar; mas sim, dialogar com alguns autores sobre a importância do papel do corpo para o contador de histórias para que este possa realizar o seu trabalho artístico.

Para discorrer sobre o corpo, partirei de minha própria experiência corporal, de minhas memórias impregnadas nestes dez anos de experiência como contadora de história. Apresentarei aqui o percurso trilhado em minha trajetória para ilustrar as escolhas dos recursos utilizados no preparo e no momento da narração.

Recordo perfeitamente das sessões nas quais contávamos histórias ainda com o Grupo Manauê. Ao término desses momentos, as crianças vinham conversar conosco e, mesmo falando nossos nomes no início das apresentações, elas nos chamavam pelos nomes das personagens das histórias ou pelo próprio título. Sempre me perguntava: o que acontece comigo que deixo de ser eu e passo a ser a personagem da história ou a própria história? Para onde vou neste momento que deixo de ser eu mesma? Quem passa a habitar o meu corpo e transparece para os ouvintes quando narro uma história?

⁵ Dito popular retirado do livro Armazém de Folclore, de Ricardo Azevedo.

No teatro Kabuki, há um gesto que significa “olhar a lua”, onde o ator aponta com o indicador o céu. Um ator muito talentoso pode executar esse gesto com graça e elegância. O público pensa então: “oh, que belo gesto!”, admirando a beleza de sua interpretação e seu domínio técnico. Mas pode igualmente acontecer que, diante de um outro ator que faz o mesmo gesto de apontar a lua com o dedo, o público vê simplesmente a lua, sem se preocupar em saber se o ator se moveu elegantemente ou não. Eu prefiro este último tipo de ator; aquele que oferece a lua ao público. O ator que é capaz de se tornar invisível. (OIDA, *Apud STRAZZACAPPA*, 2006, p.40)

Eu também prefiro o contador de histórias que oferece a lua, o encanto, o espanto, enfim, que oferece a história aos seus ouvintes. Mas qual é o percurso para o preparo e a construção desse corpo invisível?

O processo de aprendizagem do contador de histórias pode acontecer de diversas maneiras. Antigamente, os narradores tradicionais, como já foi destacado anteriormente, aprendiam a sua arte por meio da convivência com outros narradores no meio cultural em que viviam. Hoje em dia, os contadores urbanos (ROCHA, 2010) também aprendem participando de oficinas e cursos. Cada um escolhe o caminho que irá seguir para sua formação como contador. Apresento a seguir as minhas escolhas.

a) O Grupo Manauê – o “era uma vez...” da minha história

Lembro-me da primeira vez em que vi uma contadora profissional na minha frente. Era em uma oficina de contadores de histórias oferecida pela Coordenação do curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação (UNICAMP), em setembro de 2001. Ela contava a história da Bruxa Salomé, do autor Audrey Wood, e hipnotizava com seu olhar chamando-me para mergulhar na história. Seu corpo era flexível, movimentava-se com leveza e agilidade, sua voz era forte e intensa como as bruxas que nos aterrorizam na infância. O cenário da história era desenhado e limitado com desenhos no ar e me davam a real sensação de estar tudo disposto ali, naquela delimitação. Gostei tanto do que vi que passei a noite inteira contando novamente a história que havia ouvido para as colegas que moravam comigo naquela época de faculdade.

Continuei a fazer a oficina durante quase dois meses e com o Grupo Manauê⁶ tive a oportunidade de iniciar o meu aprendizado nessa arte milenar. Recordo dos exercícios que realizávamos, muitos eram técnicas do teatro como exercícios de respiração e entonação de voz, mímica, imitação, dentre outros. Havia uma preocupação com a técnica corporal (compreendida por nós, como englobando a técnica vocal): o que fazer com as mãos no momento de contar uma história, que voz utilizar para determinado personagem, qual o gesto mais apropriado, como respirar e aquecer as cordas vocais, memorização, dicção.

As histórias escolhidas para o repertório eram contos de autores da literatura brasileira ou estrangeira e discutíamos a importância desse trabalho de incentivo à leitura: levávamos sempre os livros, indicávamos autores, éramos fiéis ao texto escrito e ao estilo de cada autor.

Ao preparar as histórias que iria contar, minha preocupação ficava estritamente voltada para a memorização do texto. Não era nada fácil decorar aquelas histórias! Eu despendia horas de estudos e repetição, utilizava as ilustrações do livro para me apoiarem nesse trabalho, repetia e repetia infinitas vezes até saber de cor. O passo seguinte era pensar gestos que ilustrassem com o meu corpo cada parte do texto e depois, qual voz seria utilizada para cada personagem. Esse era um trabalho individual que cada integrante do grupo realizava, para que, na sequência, nos reuníssemos para pensar a história coletivamente e fazíamos uma limpeza de gestos, vozes e expressões para retirar os excessos. Chamávamos esse trabalho de “Contação de histórias”.

A professora e contadora de histórias, Betty Coelho, já escrevia sobre o contar histórias ao afirmar que:

Em primeiro lugar, o contador precisa estar consciente de que a história é que é importante. Ele é apenas o transmissor, conta o que aconteceu – e o faz com naturalidade, sem afetação, deixando as palavras fluírem. Ora, a naturalidade depende de segurança e esta é adquirida através da certeza de

⁶ O trabalho do Grupo Manauê era fundamentado nos princípios do Grupo Gwaya (Goiânia), o qual foi representado em Campinas, no ano de 1999, pela contadora de histórias Ângela Caffé. Foi com ela que as contadoras de histórias de Campinas iniciaram o seu percurso neste trabalho. Já o Grupo Gwaya teve suas origens de formação ligadas ao Grupo Morundunbetá que, por sua vez, contava inicialmente com a participação de Celso Sisto, Heloísa Prieto e Eliana Yunes. Vide a dissertação de mestrado de Ângela Barcelos Caffé, intitulada como **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores**. (UNICAMP, Faculdade de Educação Física).

que conhece a história, domina a técnica e está convenientemente preparado para contá-la. (1989, p.50).

Mas alguma coisa faltava para dar corpo a esse trabalho, um corpo intenso e preenchido, recheado com algo que fosse sólido e fluido ao mesmo tempo. Um corpo expressivo para além da técnica, corpo presente e ao mesmo tempo, totalmente ausente de si. Ausente de mim e repleto de palavras vivas. Faltava atribuir um sentido ainda mais profundo para transformar essa “Contação de histórias” que realizava, em uma Arte de Contar histórias.

b) Encontro com a Arte da contadora e professora Regina Machado

Em 2004, em uma palestra destinada às pessoas interessadas em contar histórias em hospitais, na cidade de São Paulo, conheci e professora e contadora Regina Machado, por uma indicação da professora Lúcia Reily, que me orientava no trabalho de conclusão do curso de Pedagogia⁷.

Foi a segunda e mais significativa experiência estética que tive em relação à arte de contar histórias. Outras contadoras do Grupo Manauê também estavam naquele momento e puderam apreciar comigo outra forma de contar histórias que, ao mesmo tempo em que era tão distante do nosso jeito, havia algo íntimo e muito em comum.

Em seu repertório repleto de belos contos tradicionais, aventuras e desafios de heróis, velhos sábios, feitiços e encantos, Regina Machado demonstrava uma cumplicidade com suas palavras e seu corpo seguia uma cadência harmoniosa a cada expressão utilizada. Era um casamento doce e simples entre a narrativa que ela contava e os gestos, olhares e vozes que realizava. Essa combinação perfeita entre o conto tradicional e a forma como a contadora utilizava seu corpo para contá-lo, mudou definitivamente a minha forma de narrar e de pensar a minha prática. Foi assim que comecei a entender a Arte de contar histórias.

Utilizando as palavras do autor Elliot Eisner

A arte tem a capacidade mágica de mandar-nos à lua. Como um foguete, pode fazer nossos corações baterem mais rápido, pode

⁷ PINHEIRO, Lúvia R. **Essa história de contar histórias: a contribuição dessa arte na formação do Pedagogo**. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação, Unicamp, 2005.

fazer-nos corar, pode criar um sentimento, um ímpeto, que é a sua própria recompensa. (EISNER *In* BARBOSA, 1997, p.92)

E como recompensa, ao final deste primeiro encontro, Regina Machado nos presenteou com um livro⁸ e lançou um desafio para o nosso trabalho no Grupo Manuaê: conhecer os contos populares e começar a contá-los.

No ano seguinte, tive a oportunidade de participar de um curso oferecido pela própria Regina Machado, no qual pude conhecer mais profundamente os seus estudos sobre a Arte de contar histórias como também, aprender quais os recursos podem ser utilizados na prática dessa arte.

O início desse novo diálogo se deu com o encantador *Conto do Carpinteiro*⁹ que ela narrou. Esse conto foi tão marcante que sempre perambula pelas minhas lembranças em tudo que faço.

Era uma vez um mestre carpinteiro que fazia objetos de madeira tão belos a ponto de o imperador lhe perguntar qual o segredo de sua arte.

- Alteza – disse o carpinteiro -, não existe nenhum segredo. Mas eu posso lhe relatar como trabalho. É assim que eu começo: quando vou fazer uma mesa, primeiro reúno as energias e trago a mente para a quietude absoluta. Desconsidero qualquer recompensa a ser ganha ou fama a ser adquirida. Quando estou livre das influências de todas essas considerações exteriores, posso escutar a voz interna que me diz claramente que devo fazer.

Quando minhas habilidades estão assim concentradas, pego meu machado. Asseguro-me de que ele esteja bem afiado, que se adapte à minha mão e balance com meu braço. Então eu entro na floresta.

Procuro a árvore certa: aquela que está esperando para se tornar a minha mesa. E quando a encontro, pergunto:

- O que eu tenho para você e o que você tem para mim?

Então corto a árvore e começo a trabalhar. Eu me lembro de como meus mestres me ensinaram a coordenar minha habilidade e meu pensamento com as qualidades naturais da madeira.

O imperador disse:

- Quando a mesa está pronta, tem um efeito mágico sobre mim. Não posso olhar para ela como olharia para qualquer outra mesa. Qual é a natureza dessa mágica?

- Majestade – disse o carpinteiro -, o que o senhor chama de mágica vem apenas disso que acabo de lhe contar. (MACHADO, 2004, p.42-43)

⁸ MACHADO, Regina. **O violino cigano e outros contos de mulheres sábias**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

⁹ MACHADO, Regina. **Acordais fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

O conto foi um convite para adentrar os mistérios não revelados dessa arte de contar histórias. Ele trazia algumas respostas para certas perguntas e, ao mesmo tempo, me fazia - e ainda faz - questionar tantos outros aspectos dessa prática.

Segundo Regina Machado, “reunir as energias e trazer a mente para a quietude, desconsiderando qualquer recompensa”, é a intenção que orienta o trabalho do contador de histórias, é ela que “move e dá sentido à experiência de contar histórias” (2004, p.70). Por isso, é necessário que o narrador tenha “clareza de que é preciso buscar internamente uma intenção” (p.70).

Para essa busca interna, a autora comenta que o exercício de contato com os recursos internos e externos auxilia o preparo do contador de histórias. Por recursos internos ela explica que

A disposição interna para se deixar levar pela respiração da história é uma aprendizagem que se faz pelo exercício de habilidades:

1. de observação – de pessoas, tipos humanos, fatos, objetos e fenômenos da natureza, ou seja,
2. de percepção da expressão das coisas, o que quer dizer, “ver” e “conceber” com a imaginação, com a intuição do que pode ser. Para isso são necessários
3. curiosidade, senso de humor, capacidade de brincar, de correr o risco, de perguntar, de ter flexibilidade para ver as coisas de diferentes pontos de vista,
4. contato com as imagens internas significativas, com o poder do silêncio e do mistério, com as possibilidades expressivas dos gestos corporais, do olhar e da voz. (MACHADO, 2004 p.72)

Todos esses elementos, dentro da prática que eu havia desenvolvido como contadora de histórias, era muito novo, mas não de total desconhecimento. Era como se estivesse adormecido e fora despertado com a magia dos contos tradicionais através da arte da contadora Regina Machado.

Os recursos externos são elementos também essenciais na composição do trabalho do narrador como, exercícios específicos que aprimorem a sua técnica, a escolha do repertório, utilização de objetos, figurino, cenário, música, sonoplastia etc. Mas a autora destaca que

Tais recursos externos não podem ser óbvios, descritivos ou redundantes. Eles precisam, antes de mais nada, surpreender a audiência pelo inusitado, pela expressividade, pelo comentário sutil que agregam às palavras da narrativa. Eles dialogam com a história, contando-a de outros pontos de

vista, atçando as imagens internas dos ouvintes, desafiando a sua percepção. (MACHADO, 2004, p. 77).

Esse processo de aprendizagem foi fundamental na minha formação como narradora, na construção de um conhecimento significativo e sensível que garantiu a transformação da minha forma de contar histórias, como também de conceber seus aspectos teórico-poéticos.

O que a arte proporciona é uma contribuição ampla ao desenvolvimento e às experiências humanas. Primeiramente a arte, isto é, as imagens e eventos cujas propriedades fazem brotar formas estéticas de sentimentos, é um dos importantes meios pelos quais as potencialidades da mente humana são trazidas à tona. (EISNER, *In* BARBOSA, 1997, p.91).

Criar uma relação íntima com o conto escolhido para ser narrado, ao perguntar “O que eu tenho para você e o que você tem para mim?”, mudou completamente a forma com a qual estava habituada a me preparar para contar histórias. Aprendi a “coordenar minha habilidade e meu pensamento com as qualidades naturais” do conto escolhido. Comecei a buscar pistas nos elementos da narrativa que me mostrassem a cadência e o ritmo, ou como define Regina Machado, passei a “respirar com a história”.

Mas entrar em contato com as imagens internas que há dentro de mim, nessa relação com todas as qualidades do conto tradicional e combinar emoções, lembranças, sentimento, nem sempre é uma boa experiência, às vezes é um tanto doloroso e penoso.

Na arte, em suas diferentes linguagens, não emerge apenas a fada, mas a bruxa, os ódios, o fundo do baú da nossa vida. Por isso, arte mexe com a totalidade. E não é de totalidade que estamos em falta? (LEITE e OSTETTO, 2004, p.12).

No curso oferecido em 2005, Regina Machado proporcionou aos participantes muitas situações em que tínhamos que utilizar as diversas linguagens da arte, como a música, a dança e o desenho. Todas essas manifestações foram utilizadas como recursos para nos aproximarmos cada vez mais das qualidades do conto o qual nos propusemos a estudar.

Esse conjunto de recursos e descobertas aprendidas nessa experiência com a contadora Regina Machado foi incorporado na minha constituição como narradora: na forma como me preparo para contar uma história, no estudo dos textos, na escolha dos contos tradicionais como elemento principal do meu repertório, na expressão do meu corpo. E todas essas influências também podem ser vistas na minha postura de formadora

de novos contadores de histórias, as quais justificam muitas das opções e caminhos trilhados nessa pesquisa de mestrado.

Assim como diz Ana Mae Barbosa:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecimento e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo contemporâneo. (BARBOSA, 2003, p.18).

Analisar o meu percurso na construção de um corpo expressivo que conta histórias, mostra as mudanças ocorridas em um processo de formação. No início, fui oferecendo “meu dedo e junto com ele, logo se foi a minha mão” e na continuidade desse caminho, quando me dei conta, havia tomado todo meu corpo e o coração. Pois “servir fielmente à história é ter a possibilidade de deixar-se levar por ela, permitindo que a história guie a voz, o gesto, o olhar, a cadência da narração.” (MACHADO, 2004, p. 70).

Talvez seja por este motivo que as crianças acabam nos chamando pelo nome das histórias que contamos (ou de seus personagens), pois estamos totalmente a seu serviço, criando o que podemos chamar de “magia”.

O imperador, então, pergunta ao carpinteiro “*Quando a mesa está pronta, tem um efeito mágico sobre mim. Não posso olhar para ela como olharia para qualquer outra mesa. Qual é a natureza dessa mágica?*”

Acredito que é essa mágica que está faltando ou que falta no momento em que o professor conta histórias para seus alunos. Estar a serviço daquilo que narramos, utilizar o corpo de forma expressiva a fim de dar vida às palavras do texto, estabelecer uma conversa íntima com nossas imagens e sentimentos mais profundos. Mas isso não é uma tarefa fácil.

Uma das professoras que fez parte desta pesquisa relatou na entrevista inicial sobre essa dificuldade quando lhe perguntei o que esperava de nossos encontros, ou seja da oficina que seria oferecida

(...) um pouco além de me trazer a técnica, porque isso me faz falta, o que está me deixando bem ansiosa, assim, é uma parte que me deixa muito preocupada. Eu tenho muito, assim, inibição na hora de fazer diante de outras pessoas. Então, talvez, além de eu ter a técnica pra trabalhar, vai me ajudar na desinibição diante das outras pessoas.

Maior que a dificuldade em se expor para as crianças mudando a voz, dando expressividade ao corpo, é se expor para o olhar crítico de outro adulto. Foi esse o maior

desafio que seria enfrentado por essa professora, numa oficina para professores contadores de histórias.

Outra participante da pesquisa também coloca sua preocupação e ao mesmo tempo a sua vontade de se sentir mais “à vontade” para contar:

Acho que o que me falta é mais essa espontaneidade pra contar mesmo, porque eu penso que eu leio, na verdade eu não conto com aquela... não vivencio a história, não decoro, não entro dentro da história. Então eu acho que me falta essa coisa de entrar, de viver como você viveu a velhinha do macaco, então eu acho que eu preciso me aproximar mais desses momentos.

Nesta fala, quando a professora usa como exemplo a minha forma de contar história, ou seja, uma apresentação em que ela havia me visto narrar, expressa em seu relato o movimento reflexivo do seu olhar ao apreciar um contador e questionar a sua forma de contar. Reconheço uma aproximação com a forma de aprendizagem artística descrita por Ana Mae Barbosa, que define que aprendemos arte quando temos acesso às produções artísticas (apreciação), às informações sobre essa arte (história), como também, a prática dessa arte (fazer artístico). “Portanto, os contadores de histórias aprendem sua arte contando, apreciando outros contadores e refletindo sobre a natureza e a função da arte narrativa na sociedade e na experiência pessoal de cada um.” (ROCHA, 2010, p. 146).

Pode-se notar semelhanças em outro relato quando a professora explicita suas expectativas em relação aos encontros

Eu queria aprender a contar história melhor porque eu conto história, mas sou péssima pra guardar história de cabeça. Então, quando eu vejo você contando, ou o pessoal que conta história, faz toda aquela encenação e eu acho lindo, mas eu mesma acho que não consigo. Quando eu leio o texto tento interpretar com algumas vozes diferentes, para dar uma entonação pra criança ir entrando na história, mas eu sou presa ao texto, não consigo contar muito bem sem texto.

A professora, ao procurar a oficina, identifica não apenas seu desejo em aprimorar sua forma de contar histórias em sala de aula, como ratifica a compreensão de que contar histórias demanda uma técnica, um treinamento, uma formação específica.

Outra professora que já havia passado por uma experiência artística em contar histórias, relata sobre a importância de aprender apreciando outros contadores

Fiquei muito encantada com a contação de histórias. Eu participei de uma apresentação de uma contadora, no ginásio da Unicamp e eu fiquei encantadíssima, eu fiquei assim... nossa! Ela me encantou, me fez apaixonar

por aquele estado artístico que ela estava ali. Com a história... eu fiquei apaixonada pela arte de contar história vendo a contadora contar história. (...) eu comecei a participar do grupo Trilharestórias, e no grupo Trilharestórias o enfoque deles era a leitura, não é a contação de histórias (...) E foi nesse grupo que eu acho que tive um ninho de formação, mas não era ali que a gente aprendia, eram em contato com as outras contadoras de histórias, como o grupo Manauê que foi muito importante. A Malu [Maria Lúcia Neves] foi muito importante também. Por isso, agora dando aula e sendo professora, eu me interesso muito porque é uma prática que eu já tenho.

Enfrentar os limites de um corpo escolarizado, educado (STRAZZACAPPA, 2001), de um corpo sentado (SILVA, 1994), de um corpo dócil (FOUCAULT, 1989); deixar levar pelo encantamento das histórias e pelas transformações que são possíveis de serem vividas e sentidas dentro de uma sala de aula; abrir as janelas para que a luz da palavra viva possa se manifestar para os nossos alunos neste empréstimo solidário do nosso corpo e da nossa alma para as histórias. Esses são desafios que estão presentes no dia-a-dia dos professores como também, nos acompanharam no decorrer desta pesquisa.

PRESENÇA

Quem escuta uma história pode se extasiar com a beleza da narrativa, encher-se de sonhos, emoções e desejar viver essa experiência por diversas e diversas vezes, como se fosse sempre a primeira vez. Existe algo naquele que conta: a presença. É por meio dela que esse momento de narrar uma história pode encantar aquele que a escuta. É sobre esta presença do contador de histórias que esse capítulo irá se dedicar. Regina Machado define que

A presença do contador não é o exercício autoritário de sua pessoa, ao contrário, é uma qualidade que remete o ouvinte para si mesmo e evoca, em cada um, suas próprias significações. Estar presente não é fascinar para melhor dominar. É remeter cada um para sua realidade, pois permite ao ouvinte, transitar por valores humanos, significações profundas ocultas na superfície da trama narrativa através da arte de narrar, através da pessoa no narrador. (MACHADO, 1989, p.218).

A autora trata em seus estudos sobre a importância desta presença, que é composta de intenção, ritmo e técnica. Saber o porquê de contar histórias e descobrir suas possibilidades é perceber que tudo se dá muito além da pura e simples técnica. “A intenção é o que move e dá sentido à experiência de contar histórias” (MACHADO, 2004, p.70), já o ritmo é o respirar do contador em consonância com a “respiração” da história (p.71).

Para poder acompanhar a cadência da história, é necessária uma disposição interna do contador, para deixar-se levar pela respiração, pela cadência, pelo fluxo da narrativa, modulando a voz, o gesto e o olhar, de acordo com os diferentes “climas expressivos” que o conto propõe. (MACHADO, 2004, p.71)

A técnica é a escolha do contador da forma como irá contar e os recursos externos que poderá utilizar, mas esta sempre se origina de uma intenção e leva em consideração os recursos internos do contador (MACHADO, 2004, p.74).

A combinação desses três elementos que compõem a presença de um narrador pode ser percebida quando o mesmo se apresenta para seu público. Certa vez, ao assistir uma apresentação de um grupo de contadores de histórias para crianças, pude entender o significado do que é uma performance com muita técnica e nenhuma presença. O grupo usava muitos recursos externos como figurinos coloridos, cenário, música, instrumentos musicais, objetos diversos, malas e baús. As crianças olhavam encantadas para tudo aquilo,

mas... onde estava a história que contavam? Não me lembro sobre o que falava e nem ao menos estabeleci um diálogo significativo com aquele momento. A narrativa se perdeu no excesso de informação visual, que acabou por se sobrepor à história. Era a mesma sensação de ir ao shopping, olhar várias vitrines e sair de lá com muitas sacolas, porém todas vazias.

A presença é facilmente reconhecida no narrador quando por ele o ouvinte fica hipnotizado, encantado. A presença do narrador impregna, preenche, torna-se parte da experiência do ouvinte. Ela tem “eco” no outro e o faz experimentar sensações e pensamentos, como se o levasse para outro estado de percepção das coisas. A presença, que o narrador emana, aguça os sentidos e remete o ouvinte a lembranças e sensações que não são acessadas por vias naturais, transmitindo as informações que ele precisa para compreender coisas e situações, sob outros pontos de vista. (ROCHA, 2010, p.313).

Em uma sociedade do consumo, na qual somos rodeados por propagandas e apelos da mídia incentivando cada vez mais esse consumo desenfreado, a sensação que perdura é de estarmos sempre com “as sacolas vazias”, num constante diálogo artificial com as nossas “árvores da frente” (MACHADO, 2004). As informações imediatas e as avançadas tecnologias ocupam o lugar da comunicação artesanal, citada por Walter Benjamin em seu ensaio “O Narrador” (1987), daquela comunicação fundamentada em bons conselhos, na sagrada sabedoria ou em trocas de experiências vividas. Esta experiência está cada vez mais escassa, principalmente nas escolas e nas relações professor-aluno.

Benjamin nos fala que a narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (1987, p.205).

Podemos, então, considerar uma combinação interessante a imagem do narrador de Benjamin e o processo de transformação e conhecimento de si mesmo, defendido por Machado, como atributos para o professor atual, inserido na sociedade das relações superficiais e das informações imediatas, desprovidas de um sentido verdadeiramente significativo.

Essa é uma bela imagem para um professor: alguém que conduz alguém até si mesmo. É também uma bela imagem para alguém que aprende: não alguém que se converte num sectário, mas alguém que, ao ler com o coração aberto, volta-se para si mesmo, encontra sua própria forma, sua maneira própria. (LARROSA, 2000, p.51)

O professor contador recebe o convite de adentrar o mundo das histórias e se encantar por elas, ao contá-las para seus alunos. Só quando nos emocionamos com as

narrativas é que podemos emocionar os nossos pequenos ou grandes ouvintes. Por meio dessa presença de quem conta que se instaura o momento de encantamento, no qual a linha invisível da narrativa é costurada entre os sujeitos que participam dessa experiência repleta de significados.

Essa pré-disposição em estar de coração aberto é quesito essencial para a narração de histórias. As palavras são repletas de vida e têm poder diante daqueles que compartilham seus significados, porém essa força se dá através do encontro com as nossas próprias imagens internas, nossas memórias e sentimentos.

Muitas vezes, contar histórias para os alunos passa a ser uma atividade obrigatória dentro do planejamento escolar. Com a obrigatoriedade, o professor acaba executando diariamente a tarefa, sem preparo anterior, sem refletir sobre a importância dessa prática para as crianças. O trabalho acaba se tornando maçante. Qualquer história pode ser contada, de qualquer forma, de qualquer jeito. Desta forma, fica difícil fazer deste momento algo prazeroso.

Alguns impasses sobre o momento de contar histórias para os alunos, da falta de atenção de algumas crianças e os dilemas de como agir numa situação de desinteresse foram coletadas na entrevista inicial realizada com as professoras, grupo sujeito dessa pesquisa.

Eu comecei a ler a história e uma aluna virou e disse “professora, você não vai colocar o cabeçalho na lousa? Você não vai começar com a atividade?” E então eu parei a leitura e falei: “Você não está gostando do que a gente está fazendo?” e ela disse não, “não estou gostando”. Então eu pensei: nossa, será que eu devo continuar com isso? Aí você tem aquele conflito: poxa vida, eu gosto tanto de história, gosto tanto de ouvir histórias, por que que eles são tão desinteressados? Preciso aprender mais pra fazer essa coisa ficar mais gostosa, pra que eles gostem.

Mesmo sendo um momento em que a professora conta a história utilizando o livro como suporte de sua ação, ou seja, fazendo a leitura da mesma, em uma situação como esta, a presença do professor contador torna-se essencial para que o encontro com o outro – o aluno – aconteça da forma mais significativa possível.

Talvez seja a presença a qualidade do narrador, que num determinado instante, estar em harmonia com seus conteúdos internos, com o espaço em que está, com quem está e com o que está fazendo. A presença se relaciona com atitude de ser aquilo que se faz. O contador é a história quando ele a conta. (ROCHA, 2010, p.313).

Pode ser que, às vezes, haja a preocupação em dar uma entonação diferente para voz, procurar uma forma expressar algo com o corpo, mas essa harmonia que Vivian Rocha nos chama a atenção na citação acima, é o que falta para abrilhantar esse momento ou torná-lo uma experiência estética para os alunos. Essa diferença foi percebida por uma professora e relatada em sua entrevista

(...) eu até tento às vezes: eu começo a história - por exemplo, uma narrativa – bem e eu começo a história. Às vezes eu dou a entonação diferente, eu faço o jeito que a personagem tenta fazer. Mas... eu não sei se é bem por aí. Eu vou contando e vou dando ênfase em algumas falas, mudo a voz de um jeito, faço alguns gestos e isso eles tem gostado bastante. Eu tenho feito assim.

Quando as escolhas não dão certo, as professoras utilizam outros recursos para atrair a atenção da turma, como nos revela outra professora em seu relato

Eu conto história todo dia no começo da aula e os alunos chegam super agitados então, logo que eles sentam e tiram o material, eu apago uma luz (porque senão fica muito escuro), peço pra eles se acalmarem e escrevo leitura na lousa e faço a leitura. Os textos preferidos são as narrativas. Eles gostam mais dos textos narrativos. Quando leio e eles gostam, eu apago a luz e conto. Depois a gente conversa sobre o texto, eu faço algumas perguntas, não perguntas de interpretação, mas algumas perguntas pra entenderem mesmo o texto. Depois que eu conto se alguém quer falar, se alguém quer contar alguma coisa que viveu parecida, ou alguma coisa que tem haver com o texto, sei lá, aí eu os deixo falarem. E depois continuamos no trabalho normal da rotina do dia. Eu não tenho ainda nenhuma situação que marcou, pois eu tenho pouco tempo de experiência.

Além de querer relaxar as crianças com as histórias, a intenção da professora ao ler ou contar as narrativas, era garantir que todos tivessem entendido “mesmo” o que foi lido. Para isso, utiliza algumas perguntas após a sua narração para ajudar as crianças nesse entendimento. A presença do professor contador fará jus às suas intenções. Se a intenção era acalmar e transmitir alguma informação utilizando as histórias, a presença e os recursos utilizados irão condizer ao objetivo principal do professor: apagar a luz e fazer perguntas sobre a narrativa.

Entender o que há por trás dessa arte de contar histórias na escola, quais elementos inesperados/esperados para uma turma de trinta crianças, combinada a nossa função de professor e as nossas intenções de professor narrador, não é uma tarefa simples, como podemos perceber na fala de outra professora.

Eu li a história pra eles, na verdade eu li tentando dar uma vida na leitura. Eu não sei a diferença porque não li assim simplesmente, li tentando dar vida ao texto. Nesse momento, todo mundo tem que estar em silêncio pra escutar a história, porque eles conversam muito. E tem algumas crianças que vão atrapalhando! Por exemplo, um começa a conversar o outro começa a conversar, conversar, e um que está querendo prestar atenção não consegue ouvir. Então o combinado desde o início do ano é que teriam o momento de leitura. Considero que, em algumas leituras, faço um tipo de contação, porque eu tento não só ler, mas colocar uns temperinhos nessa leitura. Tem que estar sempre em silêncio! Eu não exijo que todos estejam olhando pra mim, não exijo que todos estejam escutando a história, nada disso! A única coisa que eu gosto é que as crianças estejam em silêncio para escutar. É que uma vez eu tentei não pedir silêncio e não ficar parando para pedir silêncio. Não deu certo! Eles conversaram e isso atrapalhou o encanto desse momento.

A importância do silêncio para “o encanto do momento”, como foi destacado pela professora no trecho acima, me remete a Jorge Larrosa (2000) quando diz que o professor seleciona um texto e o dá como um presente para as crianças. E é “nos silêncios” de cada um que esse presente oferecido poderá ressoar.

O professor, quando dá a lição, começa a ler. E seu ler é um falar escutando. O professor lê escutando o texto como algo em comum, comunicado e compartilhado. E lê também escutando a si mesmo e aos outros. (...) Porque o professor empresta sua voz ao texto, e essa voz, agora definitivamente dupla, ressoa como uma voz comum nos silêncios que a devolvem ao mesmo tempo comunicada, multiplicada e transformada. (LARROSA, 2000, p.140)

Assim como descreve Vivian Rocha (2010) em sua tese de doutorado, a palavra presença vem de presentificar, estar inteiro no momento: “conhecimento, corpo e emoção” (p.313). Presentificar de estar presente ou, de se dar como um presente para as crianças no momento em que contamos histórias na escola.

É para a nossa matéria-prima, a palavra, que estamos a serviço e utilizamos nosso corpo como instrumento para que essa palavra seja viva e repleta de significados. A presença é o conjunto de conhecimentos que adquirimos durante o nosso percurso – intenção, ritmo e técnica. São elas - palavra, corpo e presença - que fazem do trabalho do professor contador de histórias, uma arte presente no dia a dia da escola.

*N*o final de três exaustivas semanas, ele chegou à cidade do Cairo e encontrou tudo exatamente como havia sonhado. Ao passar pela mesma rua, o homem caminhava em meio à multidão e reconhecia cada rosto e o comércio de coisas vindas de todas as partes do mundo. Ele foi se guiando pelos mesmos minaretes e lá longe o céu estava azul e límpido. O homem chegou até a margem do rio onde havia uma ponte de pedras. Logo na chegada, pode avistar a mesma primeira pedra da ponte. Ele correu em sua direção e suas mãos já estavam ansiosas para pegar aquela fortuna. Mas, ele mal chegou à ponte, e seus olhos não podiam acreditar no que viam. Lá, no lugar onde deveria estar o tão sonhado tesouro, havia apenas um mendigo que estendia a sua mão pedindo um pedaço de pão.

“Suspiro de rato não derruba queijo”¹⁰

Não basta ficarmos suspirando por uma educação de qualidade, criticar a formação dos professores que atuam na educação básica e pública do nosso país, pois desta forma não conseguiremos nenhuma mudança no ensino das nossas crianças. Se quisermos “derrubar o queijo”, saciar a fome e sentir o gosto da conquista é preciso estender o braço e agir.

Como afirma Flávio Desgranges, “É preciso educar, formar os formadores, propiciar experiência para se criar gosto por essa experiência, propor processos apaixonantes para formar apaixonados.” (2003, p.68).

Por concordar com Desgranges, essa pesquisa foi construída e pensada para estar junto às professoras. E a história desse encontro começa com um grupo de educadoras da rede estadual do estado de São Paulo, que atua nas séries iniciais da educação básica. No ano de 2008 essas professoras lecionavam numa escola estadual situada dentro do campus da Universidade de Campinas (UNICAMP). Porém, essa história não é só de um grupo de profissionais da educação. Essa é a história do meu grupo de professoras, de colegas de trabalho que dividiram comigo angústias e alegrias do dia-a-dia escolar: descontentamento

¹⁰ Dito popular retirado do livro “Armazém de Folclore”, de Ricardo Azevedo.

salarial, problemas com pais e com a direção, falta de estrutura pedagógica para realizar nosso trabalho, dentre tantos outros problemas da nossa profissão.

Mesmo estando dentro do campus da Universidade, essa escola não tinha vínculo com a mesma. Éramos funcionárias da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, e atendíamos os filhos dos funcionários da UNICAMP, e também, algumas crianças que moram nos arredores do campus universitário.

Desses professores, nem todos puderam participar da oficina de formação continuada “A Arte do professor contador de histórias”, tendo em vista que o horário não era favorável para todos, então, pudemos contar com apenas oito professoras que aceitaram fazer parte da pesquisa.

Grande expectativa para o início. É chegada a hora de arrumar a mala e começar o percurso de uma viagem incerta, curiosa e interessante: partilhar do encontro com as histórias, das histórias das professoras e compor uma nova história de um grupo.

A formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova e desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém. Por isso, a experiência formativa, da mesma maneira que a experiência estética, é uma chamada que não é transitiva. E, justamente por isso, não suporta o imperativo, não pode nunca intimidar, não pode pretender dominar aquele que aprende, capturá-lo, apoderar-se dele. (LARROSA, 2000, p. 53).

Na minha mala, as marcas de uma formação como contadora-professora-pesquisadora, um caminho já trilhado composto por diversas aprendizagens que foram apresentadas no início deste trabalho. Minhas escolhas para a oficina oferecida às professoras são fruto das vivências que tive como contadora de histórias do Grupo Manauê, do que aprendi no curso oferecido pela contadora Regina Machado, da experiência como professora da rede estadual e das relações que estabeleci entre essas esferas no decorrer do meu percurso.

Assim, a viagem exterior se enlaça com a viagem interior, com a própria formação da consciência, da sensibilidade e do caráter do viajante. A experiência formativa, em suma, está pensada a partir das formas da sensibilidade e construída como uma experiência estética.” (LARROSA, 2000, p.53)

Antes de iniciar a viagem, tracei um mapa para o percurso, no qual fiz um breve planejamento do que pretendia trabalhar em cada encontro com as professoras, distribuindo seus conteúdos práticos e teóricos. Ter o mapa em mãos não deu garantia de que o trajeto seria de fato trilhado conforme o planejado. Desvios, pausas, acidentes de percurso também me acompanharam na viagem.

Encontro	Tema/objetivo	História contada	Referencial teórico
1- Eu te pergunto	Apresentação das professoras	Uma fábula sobre a fábula	SHEDLOCK, Marie In GIRARDELLO, G. “Da introdução de “A arte de contar histórias”.
2- Um pouco de arte	Qual o sentido de arte	O sapo e a cobra	DUARTE JR. Por que arte-educação?
3- Memórias compartilhadas	Memórias da infância como mote para contar histórias...	Filme “Narradores de Javé”	
4-Memórias compartilhadas	Memórias da infância como mote para contar histórias	Guilherme Augusto Araújo Fernandes	COSTA, Clélia. Memórias Compartilhadas.
5- O lugar onde as histórias habitam	Diferença entre Conto popular e conto literário	O grande rabanete	AZEVEDO, Ricardo. Conto popular, literatura e formação de leitores.
6- Estudo do conto: Príncipe Adil e os leões	Estudo do conto, seqüência narrativa, climas	O homem que venceu o medo	MACHADO, Regina. Acordais.
7- Príncipe Adil e os leões: Parte II	Estudo do conto, seqüência narrativa, climas	Clarice Lispector	MACHADO, Regina. Acordais.
8- Estudo dos personagens		O conto do mestre carpinteiro	MACHADO, Regina. Acordais.
9- Avaliação	Avaliação		

Mapas do percurso em mãos, uma estratégia de caminho e a tentativa de chegar ao destino certo. Começaremos pela entrevista¹¹ – um “check up” geral de cada professora, suas expectativas para a oficina, seu percurso no magistério e os atalhos que as aproximaram do meu caminho. Em seguida, oito encontros semanais, para podermos refletir e experimentar aspectos teórico-práticos da arte de contar histórias. Metade do

¹¹ Vide o modelo do questionário no anexo.

caminho percorrido teremos então, uma conversa final que iniciará os rumos da outra parte deste meu trajeto.

Dessa forma começamos com a entrevista, que tinha como objetivo traçar o perfil dessas professoras, saber sobre seus interesses pela arte de contar histórias, suas expectativas, seus desejos. Já nesta parte inicial do caminho, uma viajante desistiu da viagem, e o grupo de oito professoras passou a ser de sete integrantes. A entrevista foi realizada com apenas cinco professoras, pois as demais não puderam comparecer no horário extra marcado para a mesma.

Nossos encontros, para a realização da Oficina “A Arte do Professor Contador de histórias”, aconteceram na sala ED03 da Faculdade de Educação, na UNICAMP. Não foi uma escolha aleatória, pois tínhamos a escola como alternativa para o trabalho, porém, considerei que seria importante levar as professoras para outro espaço: o da Universidade! Por mais contraditório que pareça, embora a Escola Estadual fique dentro do campus da UNICAMP, algumas das professoras não conheciam a Faculdade de Educação. A escolha da sala ED03 também foi imbuída de intenções, nesta sala não tem carteiras, seu piso é apropriado para atividades corporais, possui bolas de Pilates e o aparato de multimídia. Estar nesta sala novamente me trouxe muitas lembranças das atividades desenvolvidas durante a disciplina Educação, Corpo e Arte¹², no curso de Pedagogia e, principalmente, do trabalho final realizado no qual apresentamos uma peça teatral adaptando o conto “O homem que queria parir”, de Eduardo Galeano.



¹² Disciplina obrigatória do curso de Pedagogia desde 1999. De caráter teórico-prático aborda aspectos da educação do sensível, do corpo e da arte na formação de professores.

Foto 1 – Sala de atividades corporais da Faculdade de Educação (UNICAMP).

Um lugar, alguns objetos, luz, sons e cheiro... quando participamos de experiências de aprendizagem significativas, revivemos lembranças que evocam esses elementos aos sentidos. Ao recontar o caminho da minha viagem de formação com esse grupo de professoras, espero que minhas palavras/imagens tragam para você leitor, toda a intensidade e efemeridade dos nossos encontros, numa sala, com alguns objetos, luz, sons e tantas histórias!

Aquela enorme sala que antes era apenas uma classe vazia, agora tem corpo. Corpo que rola, corpo sentado no chão, corpo que toca outro corpo, vive e convive. Corpo sentido, corpo que sente. Corpo que conta história ou história que conta sobre um corpo? Mulher de corpo e alma. Corpo de professora. E o corpo pensa, professora? Professora pensa sobre o corpo?

O primeiro encontro com esse grupo de professoras começou em meados de outubro de 2008. Nós nos víamos para conversar/praticar sobre os aspectos dessa arte uma vez por semana, durante três horas. Tempo suficiente para construirmos uma relação de cumplicidade e entrega. Entregar nosso corpo para o outro observar, contemplar, escutar e tocar. Oferecer nossas palavras para serem debatidas, ressoadas, criticadas ou simplesmente: ouvidas. Mas essa relação, obviamente, não começou assim... E proponho-me agora a contar para você.

As professoras ficaram encantadas com a sala ED03: rolaram pelo chão, dançaram sem música, correram, deitaram sobre a bola... Nosso encontro também se tornou um espaço, de desabafo das coisas da escola e dos problemas de sala de aula. E em toda conversa, trocávamos ideias e conselhos.

Vida de professor... é igual aqui e acolá. Tem de tudo, em todo lugar.

Primeiro Encontro: Uma conversa inicial sobre a Arte de Contar histórias

“Lá de onde eu venho, explicou ele, nós sempre fazemos uma reverência quando alguém faz uma pergunta fascinante. E quanto mais profunda for a pergunta, mais profundamente a gente se inclina. Camila, essa foi uma das coisas mais malucas que eu já ouvi na minha vida!

*O que havia numa pergunta
Que merecesse uma reverência?
(Jostein Gaarder, Ei! Tem alguém aí?)*

Para entender com mais profundidade o interesse das professoras em relação à arte de contar histórias, começamos nosso rumo: quais perguntas, inquietações e dúvidas as professoras têm sobre a narração de histórias? Uma enxurrada de questões numa brincadeira engraçada de consultar “um grande especialista do assunto” – (E eu te pergunto...?)¹³. O objetivo dessa atividade era esgotar o arsenal de perguntas, exercitar a capacidade de formular novas perguntas e não de ter respostas. E professora faz pergunta?

Como professoras, às vezes, desaprendemos a fazer perguntas curiosas, verdadeiras, instigantes. Não foi fácil a brincadeira de perguntar! No início as professoras sentiram dificuldade em fazer indagações sobre o que, realmente, gostariam de conhecer a respeito da arte de contar histórias. Ficaram na superficialidade e, depois de algumas rodadas, conseguiram aprofundar as questões: perguntas relevantes sobre o assunto. A brincadeira que, inicialmente, tinha um ar de deboche e riso do grupo, foi ficando séria e compenetrada¹⁴.

Algumas perguntas de ordem mais simples ou então, com o foco de preocupação voltado para as “receitas infalíveis” de como contar uma história, podem ser destacadas: “Como conter a vontade de rir? E se a plateia for sem graça? Como vencer a timidez? Com que roupa devo contar história? O que fazer se esquecer a história? Existem técnicas respiratórias e de concentração? Pessoas tímidas podem, conseguem contar histórias?”. Tais perguntas reafirmam as expectativas das professoras, como em seus relatos na entrevista inicial: a preocupação em se expor, o excesso de timidez, a espera em aprender técnicas que garantam o sucesso da apresentação.

As perguntas que aparentemente achamos que são sem tanta importância, de caráter mais simples, são as mais profundas e verdadeiras. Elas também apareceram, porém, mais no final da nossa brincadeira de perguntar. “Qual a importância de se contar histórias? Para quem contar? Como envolver alguém numa história? Como escolher as histórias?”. O

Aprendi essa atividade de perguntar, e tantas outras experiências relatadas nesse trabalho, em um curso sobre a Arte de contar histórias, com a professora Regina Machado. (Maio de 2005, ECA – USP) Em pequenos grupos, numa roda, cada pessoa por vez, pergunta para o colega do lado “E eu te pergunto...” e insere no decorrer da frase a sua questão. O colega que recebeu a pergunta não responde, apenas vira-se para a outra pessoa que está ao seu lado, e faz outra pergunta.

¹⁴ A lista completa das perguntas elaboradas está inserida nos anexos.

“como fazer” ainda persistiu, e ele é muito importante, mas perguntas que buscaram a importância dessa arte, o cuidado de pensar naquele que irá ouvir e o que irei escolher para contar, também tiveram espaço nessa brincadeira.

Continuamos a pensar sobre as perguntas e as classificamos, em um cartaz, em três categorias: perguntas referentes ao Contador, ao Público e às histórias contadas.



Foto 2 e 3 – Trabalho em grupo na classificação das perguntas.

A proposta dessa oficina era perpassar, sempre, o campo prático da arte de contar histórias, como também, o estudo de autores que falam sobre o assunto em questão. Por isso, a cada encontro, selecionava um texto e oferecia a cópia para cada professora, a fim de garantir a leitura para discutirmos. Essa escolha de trazer o campo teórico para a prática está intimamente ligada à minha formação como contadora-professora-pesquisadora, pois acredito que a aprendizagem em arte se dá por meio da prática dessa arte, da apreciação de outros que a praticam, como também, do estudo teórico sobre o assunto.

Neste primeiro dia, conforme apresentado anteriormente no quadro/mapa de percurso, o texto selecionado para o estudo, era “Da introdução de ‘A arte do contador de histórias’”, de Marie L. Shedlock¹⁵. Apenas duas das professoras participantes leram o texto indicado. As outras não puderam participar da discussão e também não compartilharam o seu movimento dentro da leitura. Esse é um problema encontrado na formação continuada dos professores: a falta de leitura de textos teóricos. Mesmo tendo recebido o material com uma semana de antecedência para o estudo, as professoras justificaram falta de tempo, excesso de tarefas do trabalho, dentre outras explicações.

¹⁵ GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC/SC, 2006.

As professoras, que tiveram oportunidade de estudar o texto, puderam compartilhar suas reflexões. Uma delas disse: “*Nossa quanta coisa errada que eu faço... como colocar moral, ter um ensinamento em toda história que eu conto...*” (Diário de Campo). Isso, porque a autora, em seu texto, parece conversar diretamente com os professores, que pretendem iniciar-se na narração de histórias para as crianças, em suas salas de aula. Um dos conselhos da autora, para os professores-contadores, é não ter medo de repetir suas histórias, pois dessa forma conseguirá produzir um trabalho artístico e duradouro. Como, também, ser

“capaz de evitar a aplicação moral direta, pois cada vez que uma criança escuta uma história contada artisticamente, um pouquinho mais de seu significado subjacente chegará à criança, sem necessidade de qualquer explicação adicional.” (SHEDLOCK *In* GIRARDELLO, 2006, p. 26).

Muitas vezes, nós professores, acreditamos que boas histórias são aquelas que trazem uma lição, uma reflexão para o grupo de alunos e, ainda, achamos que eles sozinhos não entendem esse ensinamento. Por isso, logo após o momento em que contamos as histórias, dedicamos um tempo para explicá-las às crianças.

Para conseguir isso [“programar” a atividade do leitor], a pedagogia tem dois recursos: *ou* se assegura de que o texto contenha, de forma mais ou menos evidente, sua própria interpretação de maneira que se imponha por si mesma, *ou* o professor tutela a leitura, tomando para si a tarefa de imposição e o controle do sentido “correto”. (LARROSA, 2000, p. 130).

Mas não é porque estão na escola que as histórias precisam só trazer ensinamentos. Elas podem divertir, assustar e emocionar! Eu tenho uma história que aprendi a contar ouvindo uma parceira do grupo Manauê; ela é um conto popular que foi recontado por Ricardo Azevedo¹⁶ no “Meu livro de folclore” e se chama *O macaco e a velha*. Essa é uma história engraçada que fala de malandragem, esperteza, vingança e até de coisas nojentas. As crianças adoram! Certa vez, conversando com uma amiga professora, ela confessou que não gostava dessa história, pois não entendia o que ela queria dizer, qual mensagem ela pretendia passar. Acho que este exemplo retrata que, algumas vezes, nossas preferências, ou o repertório de histórias que temos acesso e até os valores morais que trazemos em nossa bagagem de professoras acabam por influenciar a escolhas no momento de contar história na escola.

¹⁶ AZEVEDO, Ricardo. **Meu livro de folclore**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

Pudemos, neste primeiro encontro, dialogar sobre essas questões que nos acompanham em nosso trabalho de contar histórias na escola.

Segundo Encontro: Um pouco de Arte

*“A arte tem a capacidade mágica
de mandar-nos à lua”*
Elliot Eisner

Este segundo encontro da oficina tinha a intenção de investigar a vivência artística de cada professora: o que sabiam sobre Arte? O que consideravam como manifestação artística? Do que gostavam? Quais experiências artísticas já as haviam levado para a Lua?

Música: “Tocando em frente”, cantada por Bethânia.

Poesia: professora poeta escreve versos.

Bossa Nova. Garota de Ipanema de João Gilberto.

Saxofone de Kennedy.

A cada obra apresentada na roda, uma história da vida para contar. E a cada história contada, uma emoção sentida. A emoção de cada professora naquele momento, compartilhada entre todas.

Em seguida, um desafio. Teriam que criar uma história em grupo, utilizando todas as histórias, com os sentimentos, poesias e canções que surgiram na roda e que deveriam encenar.

Vi o pânico em seus olhares, menos no olhar da professora que tem experiência artística em dança, que disse: “Gente, vamos dançar?”. O grupo não validou a sua idéia e uma das professoras confessou a sua grande dificuldade em realizar um exercício desse tipo. Era apenas a primeira atividade corporal da nossa oficina, e as professoras demoraram um tempo enorme para conseguir alguma coisa.

A professora que tinha uma grande familiaridade em fazer poesias, tentava criar um roteiro para a cena, pensando numa sequência de sentimentos e ações. As demais professoras concordaram, mas não conseguiam passar aquela idéia verbalizada para o corpo de cada uma. Sentiram na pele como pensar com palavras é fácil, mas transpor esse pensamento para a expressão do corpo era bem mais complicado. Nesse momento, a

professora dançarina não participou - ela esperou que as colegas passassem por aquele conflito para que aprendessem com ele.

Eu, como orientadora da oficina, tive de intervir: fui dando algumas ideias, ajudando a organizar o espaço cênico e falando sobre a importância da delimitação desse espaço.

As professoras começaram a compor a cena. A preocupação principal era falar bonito, cantar muito bem, se expressar perfeitamente... mas nada parecia natural. E, percebendo isso, elas foram achando mais difícil, queriam fazer rápido para terminar mais depressa ainda. Só a professora dançarina é que estava achando aquilo divertido, e quando pediu para fazerem mais uma vez, o grupo negou unanimemente.

Depois da apresentação, colocamos na roda as dificuldades encontradas na atividade. Uma das professoras citou o texto que estudamos no encontro passado, no momento em que Marie L. Shedlock diz: “não se conseguirá uma performance de alto padrão se não se contar também com outras qualidades, sendo a primeira delas a aparente simplicidade, que é realmente a arte de esconder a arte” (GIRARDELLO, 2006, p.23). A professora poeta destacou a sua dificuldade em **sentir** o que estava se passando; outra citou o medo de exagerar.

***E**ntão, o pobre caçador de sonhos, com todas suas forças e possibilidades esgotadas, se desesperou. “Pra que serve viver?” ele disse, “nada mais é possível neste mundo”. Com seu rosto banhado de lágrimas, ele se aproximou do parapeito da ponte de pedras e resolveu se jogar no rio. O mendigo o segurou pela ponta do pé e o trouxe para a parte segura da ponte. Agarrando o homem pelos ombros, disse: “Por que você quer morrer, pobre louco, neste dia tão bonito?”. O homem, chorando a cântaros, contou toda a sua história: o sonho, a esperança em encontrar o tesouro, a longa viagem e sua grande decepção.*

Terceiro e Quarto Encontro: Memórias Compartilhadas

*“Por meio das narrativas
nós construímos nossas vidas
e a vida dos outros”
Bárbara Hardy*

Quando iniciamos a viagem não sabemos o que nos reserva nesse percurso, mas seguimos o rumo. Ora construímos novos caminhos para seguir em frente, ora paramos o andar do trem, para poder organizar a bagagem e continuar na estrada.

Das sete professoras que iniciaram o trabalho, apenas três professoras compareceram ao terceiro encontro. As demais, embora tivessem confirmado a presença, não apareceram, nem justificaram sua ausência depois. O que as desanimavam? Seria o andamento das atividades? Os compromissos com a escola ou familiares? Por que não justificavam a ausência mesmo tendo se encontrado comigo posteriormente na escola?

Por este motivo, o encontro “Memórias Compartilhadas” teve que se desdobrar em dois encontros. Como apenas três professoras compareceram, assistimos ao filme “Narradores de Javé”, para que as demais professoras não saíssem prejudicadas em perder as atividades planejadas para esse dia. Então, neste 3º encontro, assistimos ao filme e conversamos brevemente sobre ele. Meu objetivo em trazer os “Narradores de Javé” era para podermos pensar sobre a importância do papel social daqueles narradores, que precisavam colocar por escrito as histórias de sua cidade, para provar o seu valor histórico a ser preservado. O filme aborda diversos temas que também estiveram presentes em nossa conversa, como: importância da oralidade na construção científica, escrita versus fala, oposição entre memória, verdade e invenção. Como também, os rituais daqueles narradores no momento em se colocavam a contar os fatos da cidade.

Ao final deste terceiro encontro tentei reafirmar com o grupo o compromisso com a pesquisa e com as etapas do trabalho, porém apenas quatro professoras continuaram a participar e estiveram presentes no 4º encontro, no qual eu pretendia proporcionar as atividades já planejadas, porém não realizadas.

Compartilhar memórias era o objetivo desse quarto encontro, não com o intuito de discutirmos o conceito de memória estudado por tantos teóricos, mas sim, resgatar alguns acontecimentos da infância dessas professoras com as fotos trazidas, reconstruir essas lembranças por meio da narração e compartilhar essas histórias de vida.

O narrador, ao relatar os acontecimentos, recria para seus ouvintes as crenças, as tradições e os saberes de uma época, nos quais continua acreditando. Ao reconstruir esse imaginário que também é de seus ouvintes, ele compartilha memórias – questão central do conceito bejaminiano de narrador: não há narrador sem ouvinte. (...) Portanto, ao mesmo tempo que expressa pluralidade de vozes sociais, possibilita ao narrador mergulhar em si-mesmo, selecionando os fatos a serem narrados, reordenando as ideias para o relato, reinventando, assim, a cada momento o seu próprio ser. (COSTA, 2001, pp. 83-84).

Neste encontro, as professoras puderam falar de sua infância, trouxeram fotos de quando eram crianças, conversaram sobre a importância da família e se emocionaram com as histórias ouvidas. Além de fortalecer o vínculo entre elas, ficou claro que ao contar um fato que realmente foi vivido e sentido por cada uma, podemos compartilhar essas memórias a ponto de não pertencerem apenas àquele que as viveu. Essas memórias passam a ser do grupo também! Essas experiências vão além da superficialidade porque nos fazem acessar um baú de sentimentos. São esses sentimentos que dão significado às histórias, transformando aquele que conta e emocionando aquele que ouve.

Percebi que as professoras estavam mais envolvidas com as atividades propostas. Aquele riso de deboche do início do percurso havia sido trocado pela seriedade e concentração em realizar os exercícios.

Antes de começarmos os encontros, propunha às professoras um relaxamento: tocar o outro, sentir o próprio corpo, concentrar-se na respiração e em seu ritmo etc.. Esse ritual seguido em todo encontro (relaxamento, apreciar ouvindo-me contar uma história, e mãos à obra na realização das atividades do dia) fazia com que as professoras percebessem a importância de cada uma dessas etapas na realização do trabalho como, também, a interligação entre elas.

O momento inicial do relaxamento era muito valorizado pelo grupo, pois possibilitava que deixassem para trás o estresse da escola, os problemas de aprendizagem dos alunos e o descontentamento salarial.

Neste encontro, especialmente, em que os laços ficavam mais estreitos entre as professoras, tivemos um momento de relaxamento muito significativo: uma única pessoa ficava no centro, enquanto as outras faziam massagem em todo o corpo da colega.

Eram oito mãos concentradas em um único corpo de professora.

A cada professora que recebia a massagem, no meio da roda, uma nova emoção. A cada nova massagem feita: concentração, entrega, dedicação, sintonia. Segundo minhas anotações realizadas em diário de campo, aqui reproduzidas com outra tipografia:

A professora V. foi a segunda pessoa a receber a massagem. Elas estavam mais concentradas e foi muito diferente. Entrega. O Toque. Parece que rola uma mágica, ou algo desse tipo de mistério... Fizemos com outra professora... e seguiu o mesmo rumo. A professora comentou

sobre a textura do toque e disse que podia sentir a força da energia da colega (Diário de Campo).

Magia? Mistério? O que envolve o humano em um momento como esse? Acredito que essa experiência, para um grupo de professoras, é importante, pois elas mal têm tempo de trocar ideias na escola. E, colocar-se a serviço do corpo do outro, de todas as emoções e sentidos que o envolvem não é uma tarefa nada fácil nos tempos em que nos encontramos.

Considero esse momento significativo no trabalho com estas professoras. Foi aqui que reafirmamos uma parceria, um compromisso muito maior, do que simplesmente participar de uma pesquisa de mestrado. Foi naquele agora que comprometemos nossos tesouros mais preciosos: a entrega de tudo que éramos.

A foto não dava para ver muitos detalhes das crianças, mas a professora retomou seu relacionamento com o irmão, com seus pais. Falou da sua infância difícil (...) Outra professora levou uma foto com os primos, que pegou na casa da tia, pois disse que sua mãe conta uma história que todas as fotos dela e do irmão sumiram. (...) A professora de Educação Física levou fotos de sua adolescência e disse que sua mãe não tirou fotos dela quando era menor. (Diário de Campo)

Memórias compartilhadas de um tempo da infância. Histórias de fotos de rostinhos de crianças, coisas de meninas, causos de família. Casa da vó, cheiro de pão, roupas miúdas, brincadeiras no quintal, árvores que já não existem mais... “Ainda posso sentir... ainda posso ouvir...”, diziam as professoras enquanto contavam suas histórias.

Fizemos aquele momento da “viagem de volta para a casa da infância”; eu fui narrando o percurso e as professoras, deitadas, ouviam uma música bem bonita. Conforme eu ia narrando o encontro com a casa, com a rua, os vizinhos, o cheiro da casa, os sons... me emocionei muito pois não tive como não pensar no lugar da minha infância. Mas segurei e fui. Andando pela sala percebi que a professora chorava... todas estavam lá nesse lugar da infância, num lugar da memória... um espaço tão íntimo e ao mesmo tempo desconhecido. (Diário de Campo)

É muito importante para o professor-contador revisitar essas lembranças, pois esse baú de sentimentos e sensações que acessamos no momento em que contamos as histórias, é que dão vida às palavras. É desta forma que a história toca e transforma, tanto aquele que ouve, como principalmente, aquele que conta.

Narramos nossas experiências cotidianas, nosso dia no trabalho, fatos acontecidos, lembranças, sonhos, projetos e desejos. Narramos, mesmo de

forma solitária, em pensamento, para nós mesmos, episódios acontecidos que de alguma forma não ficaram claros. Para além de um recurso literário, a narrativa pode ser considerada um dos procedimentos através dos quais tornamos a vida e o mundo interpretáveis. (AZEVEDO, 2006, p. 185).

Depois disso tudo, corpo à obra! A próxima atividade seria criar um poema com todas essas histórias de infância, que pudemos compartilhar, e em seguida, encontrar uma forma de representar corporalmente o poema. “Aí fica difícil, falou em criar o negócio complicada”, disse a professora de Educação Física. “Vamos fazer logo para acabar mais depressa”, completa a outra professora (Diário de Campo).

Escreveram a poesia em conjunto, e quem deu o pontapé inicial foi a professora dançarina. O poema do grupo ficou assim:

O Baú

AConteCeu há minutos atrás
AConteCeu quando volto ao lugar
E quando levo Comigo um outro olhar...
Quem diria que até hoje lembraria... tantas lembranças
Memórias de uma outra vida: minha infância.
Tem Cheiro de pão
E roda o pião
Menina descalça
Tem rua e calçada.
Conguinha na mão, Conguinha no pé
- Não ande descalça olha a formiga lava pé!
Pensando sempre que o passado pode mudar e ficar a leve brisa na mente
Memórias... memórias também se sente!
Nuvem de viagem... nuvem de alcance
Estaria o passado assim tão distante?
Tem pé de jabuticaba, pé de amora...
O dia veloz e a noite... demora.

Palavra posta no papel. Checado! Palavra dita no corpo? Momento complicado, porém as professoras apresentaram menos dificuldades. Já se movimentaram com mais tranquilidade pelo espaço, se preocuparam em delimitar o lugar da cena e a posição de cada uma. Utilizaram objetos e dividiram o poema de forma que todas pudessem se apresentar. Quando tudo já estava combinado, colocaram-se e apresentaram uma única vez. Pronto. Pressa. Pula essa parte de mexer com o corpo! Só a professora dançarina queria fazer de novo.

Para encerrar este encontro, fizemos uma roda de canções da infância, quando cada professora cantaria uma música que marcou o seu tempo de criança. Foram várias canções, em sua maioria da cultura popular, como *Ciranda, cirandinha, Borboletinha, Peixe Vivo...*

Como poderei viver?

Como poderei viver?

Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia.

Quinto Encontro: O lugar onde as histórias habitam

“Através de histórias, as culturas criaram (e criam) mitos com o objetivo de tornar compreensíveis e interpretáveis a existência humana e tudo que existe.”

Ricardo Azevedo

O trem segue viagem.

Alguns passageiros se despedem, logo de cara, na primeira estação.

Não é fácil carregar a mala e depois, no meio do percurso, ter de fazer escolhas e abandonar velhos pertences durante o caminho.

Foi assim que duas professoras não compareceram mais aos encontros da oficina e, também, não nos contaram o motivo da desistência. Cinco professoras continuavam seguindo o caminho comigo, e quando eu me via desanimada e desacreditada, eram elas que davam força, para não descer na estação seguinte. Eu tinha que tocar esse trem.

O próximo tópico da nossa oficina era estudar/experimentar a diferença dos contos literários e dos contos populares, e o que essa diferença representa para o contador de histórias.

A nossa professora dançarina nos ofereceu um aquecimento no início do nosso dia. Ao som do músico Ivan Villela, cada professora com uma bexiga na mão, deveria explorar o corpo por meio de uma massagem da bexiga contra a pele. Para isso era necessário controlar a pressão da bexiga durante o contato. Após este momento individual, passava-se ao trabalho em duplas, cujo intuito era ampliar a exploração de movimentos sem deixar a bexiga cair no chão.

Nesse aquecimento ficou evidente o limite do movimento das professoras: não se mexeram muito, tiveram gestos rápidos, diretos e fortes, em um espaço limitado. Só a professora dançarina, que foi quem nos proporcionou esse momento, conseguia expandir e

se soltar. Não havia entrega das outras professoras. Havia apenas a pressa de acabar: “Pronto, já está bom!”.

A terceira e última etapa do aquecimento era uma competição de correr e estourar a bexiga. Isso as professoras fizeram muito bem, e se divertiram bastante. Realmente foi muito engraçado, pudemos brincar como fazíamos na infância. A experiência da brincadeira é algo mais próximo desse grupo de professoras por isso, acredito que conseguiram realizar essa terceira etapa do aquecimento com maior facilidade e diversão. Já a composição de movimentos, em duplas, uma dança improvisada, sem nenhum ensaio, já se torna um conhecimento que não está no repertório corporal dessas professoras, a não ser, da professora dançarina.

Estávamos bem aquecidas. Então, contei a história “O grande rabanete”, de Tatiana Belinky¹⁷

Vovô plantou um rabanete na horta. Mas o rabanete cresceu tanto, que ele não conseguia arrancá-lo da terra. Chamou então a vovó, mas ainda assim não tiveram sucesso. E veio a neta, o Totó, o gato... e nada! O rabanete era grande mesmo! Até que chamaram o rato e... plop! — o rabanete saiu da terra. O ratinho ficou muito convencido, achando que a façanha era dele. (www.moderna.com.br)

O grupo gostou e as professoras colocaram alguns motivos dessa preferência: a interatividade da história, a repetição, a simplicidade e facilidade para contar. Compartilhei com elas as variadas situações que já vivi com as crianças, quando contava essa história.

Uma dessas experiências que compartilhei com o grupo, foi a situação que aconteceu em 2005, em um trabalho realizado em uma escola pública, localizada na cidade de Monte Mor/SP. Era um projeto de leitura com crianças de 10 anos que ficavam esperando o ônibus após o horário escolar. A proposta era contar histórias para esses alunos e incentivá-los a recontá-las numa proposta mais teatral, como também, motivá-los a ler mais. Quando escolhi contar a história “O grande rabanete”, fiquei preocupada que achassem infantil demais para a idade que tinham. Mesmo assim, arrisquei e contei. A turma gostou muito e todos quiseram representar corporalmente os personagens da história, imitar os sons que eles faziam, contar e recontar aquele conto até enjoar. Um garoto muito esperto e com aquele jeito todo malandrinho decidiu contar a história sozinho, do mesmo

¹⁷ BELINKY, Tatiana. **O grande rabanete**. São Paulo: Moderna, 2002.

jeito que eu havia feito inicialmente. Achei o máximo, pois os demais haviam contado em grupos, em forma de teatro. Ele iniciou a sua performance surpreendentemente, sabia a sequência da história, colocava seu corpo e sua voz com precisão e sem timidez, desenhava com o corpo no espaço da sala de aula o cenário da horta. Mas toda a sua apresentação era elaborada na sua linguagem usual, com suas gírias e com seu ritmo malandro; era como se reescrevesse aquela história dentro do seu mundo, com as suas próprias palavras e com a sua expressão cotidiana de utilizar seu corpo para comunicar algo.

As professoras acharam interessante o relato e, até essa altura de nossa viagem, elas não colocavam situações de suas salas de aula, conflitos vividos com os alunos ou práticas desenvolvidas em seu trabalho. O fato de, anteriormente, compartilhar experiências que vivi com as crianças e com a história “O Grande rabanete”, era uma forma de trazer à tona essa conversa. Mas, não foi neste momento, ainda, que ela se originou.

Para embasar teoricamente a nossa conversa sobre o tema proposto neste encontro, utilizei o texto do Ricardo Azevedo “*Conto popular, literatura e formação de leitores*”¹⁸. Devido ao fato de não terem lido os outros textos dos encontros anteriores, não dei a leitura para que a fizessem antes da nossa discussão, apenas disponibilizei slides com fragmentos do texto e problematizei com o grupo. Quais as semelhanças e diferenças entre os contos populares e os contos literários? Para o contador, em que essa diferença influencia no preparo das histórias? Qual a contribuição os contos populares para formar leitores na escola?

Sabemos que os contos populares, em princípio, nascem em culturas orais, ou seja, são histórias criadas, recriadas e preservadas ao longo do tempo – sempre com modificações – através da narração e da memória, recursos típicos das culturas que não dispõem de instrumentos de fixação como a escrita. Mesmo em versões contemporâneas feitas por escrito, o conto popular continua marcado pela narrativa oral, pois tende a manter certas características do discurso falado e pressupõe sempre uma voz que narra e um ouvinte. (AZEVEDO, 2006, p.179).

Em seu texto, Ricardo Azevedo continua explicando a diferença entre os contos de tradição oral e os textos marcados pela cultura escrita. E, ao discorrer sobre os textos marcados pela cultura escrita, comenta que escritor, ao produzir

¹⁸ Esse texto se encontra no livro *Cultura Popular e Educação: Salto para o Futuro*, TV Escola/SEED/MEC.

Sabe que pode se dar ao luxo de escrever de forma fragmentada, recorrer a vocabulário e sintaxes incomuns, utilizar metáforas obscuras, fazer citações ou de ser experimental (pois o leitor pode ler, reler e analisar o texto com calma). Pode ser indiferente ao fato de ser ou não compreendido. Se quiser, pode até ser agressivo com o leitor. Em tese, e considerando o meio de expressão que utiliza – a escrita – um escritor, na verdade, independe completamente do seu leitor. (AZEVEDO, 2006, pp.179-180).

Nesses momentos de discussão de textos as professoras participaram muito bem: abordaram aspectos importantes sobre os contos e sua importância dentro da escola, debateram, discutiram e se ouviram numa troca especial de conhecimentos.

Porém, quando passamos para a atividade prática, que tinha como proposta que contassem em grupo duas histórias (uma de fonte literária e, um conto popular), o desconforto estava imposto e a pressa instaurada novamente.

Uma professora leu em voz alta o livro “*A verdadeira história dos três porquinhos*” de Jon Scieszka¹⁹, enquanto as demais ouviam com a maior atenção. A leitura foi realmente envolvente, pois a professora que lia estava totalmente envolvida: fazia bocas e caras, vozes de lobos e porquinhos! A próxima comanda da atividade era preparar uma apresentação em grupo, para essa história.

As professoras tiveram a ideia de preparar uma apresentação teatral com jogos de luzes, idéia esta bem distante do que possuíam ali, naquele momento. No entanto, fizeram mesmo assim. A apresentação ficou confusa e elas não conseguiam desenvolvê-la com prazer. A única professora que estava animadíssima com seu papel de Lobo era aquela que leu inicialmente a história, enquanto que, para as outras era uma atividade sem sentido - sem ser sentido.

Quando chegaram na outra proposta da atividade, que era contar a versão popular do conto dos três porquinhos, já estavam exaustas e nem um pouco animadas. Ficaram discutindo que versão cada uma sabia e não chegaram a conclusão nenhuma. Não concluíram a tarefa. Mas eu sabia que não tinham condições naquele momento para fazer a proposta, então fechamos o encontro com uma roda final.

Morava na areia, sereia

Me mudei para o sertão, sereia

¹⁹ SCIESZKA, Jon. **A verdadeira história dos três porquinhos**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2002.

Aprendi a namorar, sereia
Com um aperto de mão, Oh sereia!

Sexto Encontro: Estudo de um conto “Príncipe Adil e os leões” – Parte I

Mesmo contando com apenas três professoras naquele encontro, acredito que foi o grande momento do grupo, e o motivo vocês poderão perceber no decorrer dessas linhas.

Logo no início, enquanto fazíamos o relaxamento, a professora de educação física recebeu a massagem das colegas, e era visível o quanto estava entregue ao toque. Quando acabaram de fazer ela deu o precioso depoimento: “Estão vendo a confiança? Eu me entreguei a vocês e nem percebi quando vocês pararam! Me senti voando...”. E nesse espírito de confiança permanecemos até o último dia da oficina para as professoras da rede estadual.

A proposta desse encontro era começar o estudo aprofundado de um conto (Príncipe Adil e os leões²⁰), primeiramente pensando na sua sequência narrativa e seus climas, para depois estudarmos as personagens que compõem essa história.

As professoras estavam animadas e compenetradas no trabalho: leram individualmente o conto, e discutiram, no grupo, as idéias principais do texto. Uma das professoras, que tem um jeito todo poético de ver as coisas, colocou sua divisão das oito partes do conto, e as demais professoras concordaram com a forma como ela fez o trabalho.

Dividir o conto em oito partes (MACHADO, 2004) é uma forma de pensar na sequência narrativa, nas partes essenciais que fazem o todo do conto. Buscar oito frases que sintetize cada parte, ou oito palavras-sínteses. Esse foi um exercício que as professoras realizaram com tranquilidade. As palavras-sínteses escolhidas por cada professora estão listadas abaixo:

Professora 1 – Merecimento, Cagão, Tempo, Aprendizagem, Ninho, Força, Ilusão e castelo.

Professora 2 – Ressignificar, Ver, Determinação, Paixão, Assumir, Fuga, Conflito e Herança.

Professora 3 – Teste (seu medo), Decisão, Procura, Mais Procura, Descoberta, Volta, Enfrentar o medo e Felicidade. (Diário de Campo)

²⁰ Vide em anexo.

O próximo passo era compor oito cenas, para cada oito partes escolhidas, como se fosse uma foto. Para planejar essa atividade das oito cenas, as professoras se organizaram muito bem: definiram as personagens para cada uma, organizaram alguns objetos para a foto e mãos à obra. Surpresa para mim! Pela primeira vez as professoras realizaram uma atividade corporal sem pressa e com facilidade. Elas se permitiram explorar o espaço da sala, subir nas mesas, caracterizar o rosto e o corpo e até transformar os objetos: blusa virou coroa.

Ao ver a qualidade do trabalho apresentado pelas três professoras, tantas questões me vieram à cabeça: será que utilizam esses recursos em sala de aula para contar histórias? O que permitiu que neste espaço pudessem usar? Quais as condições que garantiram essa possibilidade de subir na mesa, de transformar a utilidade dos objetos, de compor/decompor o corpo? Será que as professoras se divertiram ao fazer essa atividade? Por que não fazer do momento de contar histórias, na sala de aula, em um momento de diversão para as crianças e para si mesmas também?





Fotos 4 a 11– Sequência que compõem a síntese das oito partes do conto Príncipe Adil e os leões.

Esse exercício deixou as professoras numa harmonia, anteriormente, não percebida, tanto com o próprio conto, quanto em relação ao fortalecimento do grupo.

A etapa seguinte seria pensarmos numa trilha sonora para cada uma das oito partes: que música representaria o clima desse momento? Em roda, as professoras foram arriscando sons, o corpo se movimentando no mesmo ritmo, algumas vezes saindo coisas estereotipadas ou ideias televisivas. Mas, na conclusão desse exercício, conseguimos fazer uma boa composição de sons para as oito cenas.

Finalizamos aquele quinto encontro da oficina e foi ótimo porque, mesmo comparecendo apenas três professoras, pude perceber avanços na qualidade do trabalho de cada uma delas.

Era final do ano letivo de 2008. Estávamos com os dias apertados na escola e com o trabalho de nossas classes. Foi o último encontro da oficina em 2008, pois não conseguimos encontrar dias em comum para todas se reunirem. Esse fato me desanimou

muito porque estávamos estabelecendo um ritmo para o trabalho, um vínculo e uma constância nos encontros. Parecia que a pesquisa caía por terra... e eu, junto com ela!

Sétimo Encontro: Estudo de um conto: “Príncipe Adil e os leões” – O Retorno, parte II

Março de 2009: um novo ano letivo, uma nova turma, outra escola, renovada a força. Eu estava ansiosa para reencontrar as professoras, saber das novidades. Ao mesmo tempo, um misto de insegurança: será que elas voltariam? Quantas professoras iriam seguir a viagem até a última estação?

Nesse percurso final de nossa viagem, apenas três professoras seguiram em seus vagões: a professora dançarina, a professora que tem um jeito todo especial de ver as coisas, como também, a professora de Letras.

Depois de tantos meses longe, retomamos a história do Príncipe Adil e os leões. Para isso, montei uma sequência das imagens do último encontro de 2008, como se fosse um filme, que mostrava a divisão das oito partes do conto. As professoras ficaram agitadas ao se verem e riram muito no primeiro contato com o vídeo. Já na segunda vez que assistiram, fiz alguns questionamentos para que pudessem observar alguns detalhes e, até mesmo, relembrar o conto do Príncipe Adil e os leões.

A porposta seguinte seria fazer uma leitura em conjunto do conto, a qual poderia usar corpo, voz e divisão das personagens/narrador. Elas preferiram ficar sentadas e, inicialmente, fizeram aquela leitura monótona, quase sem se mexer ou usar expressões faciais para contar. Mas, conforme o conto foi se desenrolando, as professoras se envolveram e as palavras podiam sair pelos olhos, gestos, sons. O corpo, quase não podia mais ficar sentado.





Fotos 12 a 14 – Leitura para relembrar o conto “Príncipe Adil e os leões”.

De volta ao conto, relembramos a divisão das oito partes, as oito frases e palavras sínteses, etc. Assim, pudemos retomar o trabalho de estudo do conto “Príncipe Adil e os leões”.

A partir das oito palavras-síntese, as professoras tiveram que colocar no corpo (sem usar a voz), como ficaria cada uma dessas palavras. Coragem, tempo, esperança, espera, paixão – como o corpo pode representar sem falar?

No começo do exercício as professoras demoraram em se concentrar, riam e faziam brincadeiras. Mas, conforme a atividade acontecia, a sintonia mudou, a concentração aumentou e no final, aconteceu a entrega. O corpo das professoras expressou essa transformação. Passaram a se comunicar pelo olhar e já nem precisavam da minha voz como comando.

Ao término dessa atividade, perguntei às professoras, como estava à relação com o conto depois de tanto tempo sem estar em contato com ele. O que havia mudado nessa relação, no momento da chegada para o encontro, até o pós-exercício? A professora dançarina disse “nossa, parece que ele está aqui”, e colocou a mão no peito. Já a professora que tem um olhar todo especial para as coisas, falou que, o conto havia se tornado “uma coisa que era sua” e confessou a sua dificuldade em representar as palavras como o corpo.

A próxima etapa do estudo do conto “Príncipe Adil e os leões” foi dar cor e plasticidade às oito partes da divisão. As professoras ficaram um tanto apreensivas com seus desenhos e preocupadas em definir formas, para serem entendidas. Porém, no decorrer da atividade, a preocupação foi tomada pela criatividade e leveza. Cada uma foi buscando, em algum lugar desconhecido e profundo, cores e formas para seus desenhos.

Neste momento, uma das professoras me perguntou, se eu já havia feito esse tipo de atividade com as crianças, em sala de aula. Foi aí que começou a entrar a situação de sala de aula, em nossos encontros. As professoras começaram, então, a contar sobre como estavam fazendo as leituras em sala de aula para as crianças, e que, na maioria das vezes, eu aparecia por lá em seus pensamentos. Disseram lembrar-se dos nossos encontros, os exercícios e das nossas conversas sobre a narração das histórias.

Ao final desse dia, tiveram o desafio em contar a história do Príncipe Adil e os leões, sem usar sons ou palavras. As professoras, em grupo, tiveram que apresentar o conto utilizando apenas o corpo.



Fotos 15 e 16 – Professoras contam a história sem usar a voz, usando apenas a expressão

O tempo sempre fica mais curto ao final do encontro e, essa atividade, poderia ter saído melhor, porém encerramos com muitas preciosidades que devem ser destacadas. Perguntei como se sentiam ao retornar ao trabalho com as histórias, e a professora dançarina respondeu sinceramente que, ao sair da escola para vir até a faculdade de Educação, se sentia desanimada e cansada. Mas quando está ali, presente e realizando as atividades com as colegas, sabe da importância desse momento para a sua prática em sala de aula. E as demais professoras concordaram com a sua fala e acrescentaram que, as coisas que fazemos e falamos ali, naquele espaço, estão aparecendo também em seus trabalhos em sala de aula, com as crianças.

Oitavo Encontro: Estudo dos personagens do conto “Príncipe Adil e os leões”

Uma viagem começa sempre com um ponto de partida, mala arrumada ao sair, destino incerto do que estará por vir. A bagagem raramente volta como foi preparada na saída: algumas coisas mudam de lugar, a mala parece estar mais cheia e apertada quando estamos para voltar.

O trem vai chegando ao ponto de despedida das professoras, daquelas que permaneceram até a última estação. A bagagem já não é mais a mesma do ponto de partida, pois aprendemos e crescemos muito a cada encontro.

Esse foi o nosso último encontro com o Príncipe Adil, Perizade, Rustin, o leão, e nos dedicamos profundamente em estudar suas qualidades e suas potencialidades.

Mas antes de começarmos os exercícios para o estudo das personagens do conto, propus um relaxamento diferente. A professora dançarina orientou-nos a fazer um alongamento, estica daqui e estica de lá, cuidado para não arrebentar! Quando acabamos o nosso corpo estava mais leve e em estado de prontidão.

Então, vamos dançar! De olhos fechados, com a sala toda escura, apenas a música vibrava bem forte no ar. As professoras dançariam de olhos fechados pela sala, e fariam todos os movimentos possíveis, conforme o ritmo e a cadência da música.

No início, a espreita e na sequência, a entrega. A professora que tem um jeito todo especial de ver as coisas, confessou estar tão envolvida e entregue com a sua dança, que nem sabia mais onde estava.

Foi incrível como nossos encontros se tornaram mais leves e verdadeiros. Intensos e preciosos. Seria impossível transformar aqui, em palavras, nossos olhares pulsantes, nossas respirações e a nossa cumplicidade.

O primeiro trabalho com os personagens do conto “Príncipe Adil e os leões”, foi listar os atributos de cada um deles. As professoras falavam com muita familiaridade de Adil e da Perizade, como se fossem conhecidos de longa data.

Cada professora tinha como “tarefa de casa”, trazer para este dia um objeto que representasse as personagens do conto. Elas trouxeram uma faca para representar o príncipe, um coração para ser a princesa, lenço para ser o clima do deserto e uma flauta para o flautista. Pensamos juntas, sobre a intenção de trazer um objeto, que representasse as qualidades de cada um dos personagens do conto. Será que uma flauta poderia ser o Harun? Fisicamente, ele seria como uma flauta: alto, magro, inflexível?

Tentei fazer com que as professoras pensassem na infância, e no como as crianças elegeem os objetos para suas brincadeiras. Quais critérios elas utilizam para atribuir a um objeto determinado personagem?



Foto 17 e 18 – Trabalho com os objetos e as qualidades dos personagens do conto.

As professoras foram percebendo e mudando o olhar diante daquelas coisas expostas no chão. Posso dizer que vi os seus olhos “virarem”, assim como denomina Regina Machado:

Que é preciso exercitar a capacidade de virar o olho para poder ver essas qualidades. Que não estão dadas prontas nos objetos e nas formas, como se pertencessem a eles e eu tivesse apenas que reconhecê-las. Por isso chamo esse exercício de conversa. E por isso essa conversa requer uma disposição interna para brincar.” (MACHADO, 2004, p.91).

Não tinha como falar nas crianças e não pensar em seus alunos. Foi assim, que as professoras, novamente, trouxeram aspectos de suas salas de aula para a nossa discussão.

Uma das professoras estava conversando, anteriormente, sobre a falta de criatividade de sua classe para produzir textos. Então, após essa brincadeira com os objetos, ela disse que esse tipo de atividade poderia ser feita com seus alunos, afim de que pudessem colocar a criatividade para funcionar.

Elas me perguntaram se eu já havia desenvolvido algum tipo de trabalho com as crianças, utilizando os objetos. Conteí uma boa experiência²¹ que tive com esse trabalho e também, falei sobre a facilidade que as crianças têm para fazer essa brincadeira. Em 2004,

²¹ PINHEIRO, L.R; COENTRO, V. S. **Contar Histórias: o encontro das histórias com crianças e adolescentes dos núcleos comunitários de Campinas.** In: Congresso de Leitura do Brasil, 2005, Campinas. Anais do COLE, 2005.

quando ainda era contadora de histórias do Grupo Manauê, realizamos um trabalho para a Prefeitura de Campinas/SP, junto a Secretaria de Assistência Social, atuando nos Núcleos Comunitários de Crianças e Adolescentes. Este programa atende crianças e adolescentes de 07 a 14 anos em regime de apoio sócio-educativo em meio aberto, em período extra-escolar com trabalho extensivo à família. Além de contarmos muitas histórias também desenvolvíamos trabalhos com teatro de bonecos, brincadeiras populares, desenhos entre outras atividades. Uma delas era brincar com a história e após contarmos o conto “A princesa que tudo via”²², foi proposto às crianças e adolescentes que realizassem uma busca por objetos que representassem os personagens da história. Essa busca seria livre, poderia ser em grupo ou individual e eles deveriam explorar todo o núcleo trazendo qualquer objeto. Depois que achassem tudo, formariam grupos e brincariam com os objetos recontando a história conforme as suas significações.

A utilização dos objetos foi pensada considerando as reflexões de Regina Machado (2004, p.86) que diz: “quando os adultos permitem, as crianças dão vida aos objetos nas suas brincadeiras”. E presenciamos momentos em que garrafas de plástico, molas, folhas, tinham vida própria e compunham um cenário de fantasia e diversão. Eu sempre fazia registros escritos dessas vivências significativas e, segue abaixo, algumas anotações que fiz durante aquele trabalho, que ilustram a alegria diante de tal experiência com a brincadeira, onde tudo pode ser: história e objeto.

“Foi muito bom quando comparamos todas as princesas e eles iam falando: “essa tem um cabelo ruim”; “essa tem a saia aberta que parece a calcinha”. Assim iam descrevendo as princesas e escolheram a mais cabível: o detergente! Uma princesa magra. Houve uma discussão quanto ao príncipe e o soldado: qual seria o mais forte para ser o álcool.”(01 de junho de 2004)

“Foi incrível a forma que meninos ressignificaram o conto! Acho que nem conseguiria descrever... Um deles foi a princesa (menino) e falava com vozes e tudo mais. Todos sentiam necessidade de participar, ajudando a contar ou manipulando uma personagem. É impressionante como eles vivem a história com prazer e alegria, mesmo que sendo pelo puro e apenas BRINCAR pois não haveria apresentação. Apenas dois adolescentes não brincaram, mas estavam atentos na história que os amigos recontavam.” (8 de junho de 2004).

“Mas no meu grupo um menino se destacou totalmente com o soldado, que era uma mola! Ele foi espetacular, fez vozes e tudo mais. AQUELA

²² PAMPLONA, Rosane. **Novas histórias antigas**. São Paulo: Brinque-Book, 1999.

MOLA GANHOU VIDA E ERA UM SOLDADO!” (24 de junho de 2004).

Ao trocarmos essas experiências ampliamos nosso repertório de possibilidades do que podemos fazer e de como podemos ser. Revemos nossa prática e nos vemos no fazer do outro. Acredito que esse também é um bom caminho a ser trilhado na formação continuada de professores.

O próximo passo desse oitavo encontro da oficina era continuar as atividades com os personagens do conto. Seria um trabalho corporal, ou seja, emprestar o nosso corpo para que cada personagem da história se materialize. Um breve aquecimento, com direito a muitos risos e imagens estereotipadas. Depois, a qualidade foi tomando corpo, e os personagens foram tomando os corpos das professoras. Era nítida a tentativa de se colocarem como os personagens, concentrar, respirar como eles. Essa busca foi mais intensa e intencional.



Fotos 19, 20 e 21 – Trabalho corporal com os personagens do conto.

Ao final da atividade, cada professora deixou a sua impressão do que acabaram de realizar. Uma delas disse que havia mesmo passeado com cada personagem dentro do conto. Outra pensava em como fazer essa experiência com as crianças de sua sala e, a terceira professora, comentava a importância dessa oficina para outras professoras da rede e dizia: “as pessoas precisam passar por isso! E você sabe por que essa experiência é diferente para a gente? Porque é arte!” (Diário de Campo).

Após o passeio, as professoras puderam dançar com os personagens. A professora dançarina gostou muito dessa proposta! E saiu dançando e dançando... E a história foi ficando cada vez mais dentro de cada uma delas.

Seria possível criar uma música para cada personagem? Duas das professoras se envolveram na proposta e criaram muitos sons. A terceira professora, que se coloca com dificuldade de se expressar, devido a sua timidez, foi chamada várias vezes pelas colegas para entrar na composição, mas ficou apenas nas palmas e não se arriscou muito.

Antes de finalizarmos nosso último encontro, a professora, que tem um jeito todo especial de ver as coisas, disse rindo: “Meu Deus, ainda bem que ninguém está vendo! Com certeza mandaria nos internar” (Diário de Campo).

Dessa forma encerrei com as três professoras, que conseguiram permanecer até a última estação dessa viagem, os oito encontros da oficina.

***E**ntão, o mendigo começou a rir, e, às gargalhadas, batendo uma mão contra a outra, como se estivesse chamando a atenção daquela multidão que passava pela cidade, disse: “Olhem bem aqui o mais perfeito idiota da face da terra. Que loucura resolver fazer uma viagem tão perigosa e longe como esta, só por causa de um sonho. Eu que acreditava ser o espírito mais indigno da terra... Mas depois de você, meu caro, eu sou o mais sábio de todos os santos dervixes. E eu, que todas as noites, já há muitos anos, tenho o mesmo sonho. Sonho que estou em uma cidade desconhecida, seu nome acredito ser Ispahan, onde há uma casa pequena cor de terra ensolarada. Na fachada desta casa pobremente ornada, tem um relógio solar já um tanto apagado. Na frente da casa tem um caminho de pedras e no final deste caminho, uma fonte e uma enorme figueira. Todas as noites no meu sonho, eu cavo um buraco profundo no pé desta figueira e descubro um cofre cheio, mas até a borda, de pedras preciosas e de pepitas de ouro. Eu sonho com isso, mas nunca pensei em sair correndo atrás dessa miragem. Não, eu sou um homem razoável e continuo a mendigar tranquilamente aqui nesta movimentada ponte. “Songe, mensonge”²³ diz o provérbio, onde Deus te colocou é onde deve ficar. Vá homem, medite, e seja no futuro menos ingênuo que você viverá melhor.*

²³ Em Francês “songe, mensonge” faz um jogo de sons com as palavras. Songe = sonho e mensonge = mentira, que tem som de “meu sonho”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trenzinho do Caipira
(Heitor Vila Lobo e Ferreira Gullar)

*Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Cantando pela serra o luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar, no ar...*

Para finalizar minha dissertação não tenho conclusões as quais cheguei, mas considerações a fazer. Escrevo pautada em nosso último encontro da oficina, no qual fizemos uma conversa final, que teve como objetivo fazer a avaliação do nosso percurso, falar sobre nossas antigas e novas bagagens para as próximas viagens e desafios da nossa carreira. Essa conversa foi filmada e não teve um roteiro pré-estabelecido a ser seguido, para que, desta forma, as professoras pudessem colocar os assuntos que foram mais representativos durante a nossa trajetória. Conteí com a presença das três professoras que permaneceram até o final da oficina, as quais foram narrando e comentando aspectos que acharam relevantes nestes oito encontros. A partir dessa avaliação, irei traçar as minhas considerações sobre esses relatos das professoras, dialogando com alguns autores e retomando os objetivos iniciais dessa pesquisa.

Nossa conversa começou com um assunto que julgo importante e que também esteve presente nas questões que originaram esse estudo: sobre a relação professor-aluno. Há transformação na relação professor-aluno, no momento de ouvir/contar histórias ou no próprio processo ensino/aprendizagem?

Este sempre foi um ponto marcante na minha prática como professora-contadora, pensar sobre a minha relação com as crianças e o quanto essa relação era marcada pela afetividade, especialmente no momento em que eu contava histórias para elas. A história

nos aproximava, era uma linha invisível que costurava toda a sala de aula e nos unia num elo em comum, na amizade. Assim como define Larrosa

Em torno do texto como palavra *emplazada*²⁴ – quando o texto é realmente algo que se pode chamar de comum -, articula-se uma forma particular de comunidade, uma forma particular de estar *emplazados* pelo que é comum. E essa forma é uma amizade, uma *philía*, uma unidade que suporta e preserva a diferença, um nós que não é senão a amizade de singularidades possíveis. (2000, p. 143).

Uma professora iniciou a avaliação, então, relatando o quanto essa experiência de contar histórias fez com que seus alunos se aproximassem dela e o valor da formação continuada para dar sentido ao trabalho realizado pelo professor.

Como é importante para o professor saber das coisas e poder levar isso para o dia a dia. Saber que uma forma, um agrado, ou “Nossa gente essa aqui é a história mais linda do mundo”, como isso aproxima a criança ao teu favor. (...) Como isso me ajudou muito, participar do grupo: ler tudo que foi lido, estudar tudo que foi estudado e proposto. Como isso me ajudou no sentido de me aproximar das crianças, fazer com dignidade meu trabalho, fazer bonito e fazer bem feito. Isso não é ainda perfeito, mas da sala que eu tinha... nossa! Está tão bom! Pra mim, a oficina não poderia acabar porque isso é muito importante na formação do professor. Coisa que na faculdade não tem muito, até no magistério (...). Porque você consegue pensar sobre coisas que nunca tinha pensado. Quando você estuda você pensa “nossa, será que eu era cega?” Você vai afinando o seu olhar, dando sentido pra sua vida ali, no seu trabalho.

Ela destaca que pôde perceber que, por meio dos estudos realizados e das experiências vividas na oficina, seu trabalho ficou ainda mais bonito. E que essa beleza somada à afetividade, fez com que seus alunos ficassem cada vez mais próximos. Sabemos que essa professora já realizava um trabalho de leitura com as crianças, oferecia um bom repertório e possui uma trajetória como leitora experiente. Acredito que não foi a prática da professora que mudou, e sim, a forma como passou a enxergar o próprio trabalho com as histórias e o significado dessa prática para o seu dia-a-dia em sala de aula. “Os pedaços e os fios podem ser os mesmos, até os pontos e o jeito de pegar na agulha, o porquê do bordado faz a diferença...” (FONTANA, 2000, p. 143).

²⁴ O autor define que a palavra *emplazada* simboliza a palavra colocada na *Plaza*, ou seja, a palavra colocada no lugar público, no centro. (LARROSA, 2000, p. 143)

Outra professora ressaltou que o fato de ler ou contar histórias para as crianças todos os dias e de demonstrar o quanto é prazeroso realizar essa tarefa, fez com que despertasse em um de seus alunos, em especial, o interesse em escrever histórias.

Percebi que meu aluno viu que eu gosto de ler, que eu conto a história, como eu faço todo dia. Então ele começou a escrever histórias pra eu ler, porque ele não gosta de ler para a turma. Esse aluno veio com um texto que se chamava “O menino e o lobisomem” e falou “Professora, você lê pra classe?” respondi, “Leio”. Li antes para ver como estava o texto. E estava uma gracinha, até duvidei que fosse ele, mas aí eu achei alguns erros ortográficos e vi “não, foi ele mesmo que escreveu”. O texto estava com sequência, envolvia um conflito, uma graça!(...) Outro dia li outro texto dele que se chamava “Meninos perdidos”, coisa de criança, mas muito bem feito pra idade dele. Ao ver que eu contei e que a turma gostou, esse aluno já está escrevendo outra história. Estimula. Muda. Ele viu que a professora gosta de contar.

A escrita se torna consequência dessa leitura que o professor faz diariamente, leitura esta de uma história que ele gosta muito, que o emociona, porém esse gesto deve ser feito como a entrega de um presente à sua turma. Nessa produção escrita dos alunos, podemos perceber marcas expressivas dessa linguagem dos contos que o professor seleciona como seu repertório. Como também, notamos que nestes textos estão impressos, junto aos traços dessas crianças, muitas das nossas escolhas.

Ensinar a ler é produzir esse deixar escrever, a possibilidade de novas palavras, de palavras não pré-escritas. Porque deixar escrever não é apenas permitir escrever, dar permissão para escrever, mas estender e alargar o que pode ser escrito, prolongar o escrevível. A leitura torna-se assim, no escrever, uma tarefa aberta, na qual os textos lidos são despedaçados, recortados, citados, in-citados e ex-citados, traídos e transpostos, entremesclados com outras letras, com outras palavras. Os textos são entremeados com outros textos. Por isso, o diálogo da leitura tem a forma de um tecido que constantemente se destece e se tece de novo, isso é, de um texto múltiplo e infinito. (LARROSA, 2000, p.146).

A professora “alargou” as possibilidades em “prolongar o escrevível” para esse aluno, que chegou até a desconfiar de sua produção, por exemplo, quando disse “E estava uma gracinha, até duvidei que fosse ele, mas aí eu achei alguns erros ortográficos e vi ‘não, foi ele mesmo que escreveu’.” Às vezes duvidamos do potencial dos alunos e ao mesmo tempo, quando agimos dessa forma, colocamos no cerne da questão a nossa própria prática pedagógica. Se os alunos não são capazes de aprender e fazer, é por que, como professores, não somos capazes de ensiná-los? A partir da fala da professora, pude perceber que a prática da leitura diária e apreciada pelas crianças e pelo próprio professor, é um

instrumento que amplia as possibilidades da produção escrita dos alunos. Concordo com Larrosa quando nos coloca que, “o aprender da leitura dá, às vezes, a impressão de que não se aprendeu nada.” (2000, p.146), como duvida a professora Amanda quando lê o texto de seu aluno.

Se o ensinar é dar um saber já elaborado, aquele que ensina a ler não dá nada porque o texto não dá nada que, como o saber, possa ser armazenado e apropriado. O texto só deixa escrever. (LARROSA, 2000, p.146).

A questão corporal foi abordada, primeiramente, pela professora dançarina, que falou sobre o corpo e seus tabus na sociedade em que vivemos, mas, principalmente, na escola onde trabalhamos.

A questão do corpo é outro tabu na sociedade. É um tabu a gente dançar. É um tabu a gente levantar um braço e fazer um gesto pra imitar um príncipe. Isso é uma quebra, um rompimento. Por exemplo, eu já tenho uma experiência com o corpo e não sou uma pessoa inibida (...) e pra mim é um tabu dizer que eu vou contar uma história em que eu possa me abaixar na hora que todo mundo abaixa na história, que eu possa abrir um sorriso. É preciso se expor, se expor com o corpo. Se a gente for pensar assim na arte de contar histórias, você está expondo o seu corpo, faz com que seu corpo se torne a própria arte em si, o objeto da arte.

Quando questiono, no início da pesquisa, quais são as possibilidades do professor ressignificar a própria prática pedagógica ao passar por experiências artísticas, neste caso, por experiências da Arte de contar histórias, a expressão corporal se destacou fortemente para esse grupo de professoras. No final da oficina, elas trazem o corpo do professor-contador como um recurso de transformação do espaço da sala de aula.

No decorrer dos oito encontros da oficina, as dificuldades em realizar as atividades corporais estiveram presentes e, ao longo do processo, às vezes gostando outras sofrendo, esse corpo foi se aperfeiçoando e qualificando as intenções das professoras-contadoras. Vencer os limites, ousar, se expor, experimentar, ser avaliado, enfim, essas ações foram disparadas pelos exercícios propostos na oficina (experiências artísticas) e auxiliaram as professoras a ressignificar a própria expressão do seu corpo ao contar histórias para os alunos. Assim como diz o contador de histórias e escritor Celso Sisto, “quando o movimento do corpo resulta de um movimento da alma (emoção), o gesto é verdadeiro.” (2001, p. 115).

Mesmo enfrentando os desafios de se expressar através do corpo, ou seja, de utilizar o corpo como um recurso essencial para contar história na escola, as professoras

demonstram por meio de seus relatos que estão conseguindo romper com algumas dessas barreiras, como a timidez, o olhar das crianças e até mesmo, o olhar avaliador do adulto (do próprio grupo que participou desta oficina).

Aquilo mexeu muito comigo “Viva o personagem”, essa questão do corpo. E quando você rompe, vai desconstruindo aquela imagem, (...) Na sala de aula mudou muito, na questão da voz, do corpo, da entonação, da vida dos personagens. “Gente, láaaaaaaaaaaaa, láaaaaaaaaaaaa gente, láaaaaaaaaaaaa longe”, essa questão da voz e do corpo mudou pra mim nos momentos da história. Porque eles aconteciam, eu lia sempre, mas não tinha eu lá na história! Eu era só narrador, e isso que mudou pra mim. Eu comecei a viver aquilo cada dia, como é que te falei “Ah, esse é o livro mais lindo da minha vida, gente!” Assim como você falou que seu aluno escreveu os textos. Eu comecei a me atentar mais esse ponto. De dizer, de falar, de interpretar. De dar vida e sentimento para aquilo que eu estava lendo.

O estudo dos personagens do conto “Príncipe Adil e os leões” foi marcante para as professoras. Considero este 6º encontro, no qual iniciamos o estudo do conto, como um “divisor de águas” da nossa oficina. Foi a partir dele que fortalecemos a nossa relação de parceria, o trabalho corporal foi expressivo e de qualidade e houve espontaneidade e entrega nas atividades. Era como se estivéssemos ligadas num elo comum, na magia da integridade do conto “Príncipe Adil e os leões”.

A professora no relato acima percebe que dar vida a uma história é mais que interpretar com gestos perfeitos ou usar a voz ideal. Dar vida a uma narrativa é “estar lá”, é ser a própria história. E a cada encontro que estudávamos o conto do “Príncipe Adil e os leões”, explorando seus climas, seu ritmo, seus significados em diálogo com nossas vidas, seus personagens e suas qualidades expressivas, mais “lá” as professoras estavam. Ou, como dizia a própria professora, “a história passa a ser sua”.

Este “lá” para onde a pessoa se transporta é o lugar da imaginação enquanto possibilidade criadora e integrativa do homem. Quando experimento estar dentro da história, experimento a integridade individual de alguém que não está nem no passado nem no futuro, mas no instante do agora onde encontro em mim não o que eu fui ou o que eu serei, mas a minha inteireza no lugar onde a norma e a regra – enquanto coerção da exterioridade do mundo – não chegam. Onde eu sou rei ou rainha do reino virtual das possibilidades, o reino da imaginação criadora. Nesse lugar encontro não o que devo, mas o que posso; portanto, entro em contato com a possibilidade de afirmação do poder criador humano, configurado em constelações de imagens. (MACHADO, 2004, p. 24).

Outra professora destacou o seu processo de se sentir menos inibida em nossos encontros e como se sente diante dos olhares daqueles que a ouvem contar histórias.

Eu acho que com o tempo fui me sentindo mais a vontade. Primeiro porque eu não conhecia ninguém, cheguei na escola e eu fico assim mesmo, tímida. Talvez com as crianças eu não tenha tanta timidez, não sei se é porque são menores e eu consigo contar sem que eles me julguem. Porque a gente pensa que o adulto vai olhar com outro olhar, tentando atentar para as nossas falhas (...) por isso que eu fico meio reservada. Já com as crianças eu não devo ser tão tímida. Hoje me sinto até mais a vontade para expor as minhas ideias, não ficar aqui quietinha só ouvindo.

Quando contamos histórias na escola, expomos àqueles que nos ouvem nosso o mais sagrado bem e nos tornamos objeto de apreciação dessas crianças. Assim como destaca a professora

É um exercício, não é? É um exercício de formação porque a partir do momento em que você vai fazer um diálogo, você se torna o objeto, está trocando de lugar com o aluno, você está construindo um outro espaço de trabalho.

Nosso corpo se torna público e este ato se transforma em uma tarefa difícil e dolorosa para algumas professoras, ou em um gostoso desafio para outras.

Por isso, a lição é um ato de ler público, que exige um certo ver-se cara a cara, uma presença pública do corpo, um oferecimento público do corpo, às vezes falando em silêncio, mas sempre em relação a algo comum, a algo para qual todos os olhos e todos os ouvidos tendem, atendem. O corpo situado do leitor é atento, concentrado, falante ou em silêncio, mas sempre tenso e em suspenso, suspenso. (LARROSA, 2000, p.143).

A identidade profissional versus a identidade pessoal de cada professora, também esteve presente nesta nossa conversa. Afinal, o que realmente somos: professoras ou pessoas? Pessoas professoras? Como se constitui a escola na vida de uma professora? Ou é a vida que se constitui na escola?

Se você assume a sua identidade de professora, você não está abandonando a sua identidade pessoal.

É um trabalho que se distancia da sua vida! Muitos professores eu vejo isso na escola, que o trabalho se distancia da vida. Eu não sei se eu sou louca, não sei, mas eu vivo as coisas que meus alunos vivem (...) É que a gente tem tempo, na verdade é que a gente consegue fazer, se organizar. Essa é a questão que eu falo do distanciamento: o que você vive no seu trabalho e o que você vive na sua vida.

Na escola, como em qualquer outro espaço da sociedade, desempenhamos nossos papéis sociais, que se compõem, se constituem, fazem e refazem o que somos, pensamos e acreditamos. E neste contínuo se constituir, reelaboramos o nosso fazer dentro e fora da escola, pois a vida não pára quando o sinal bate e vamos com a fila de crianças para a

classe. “Na minha escola não tem personagem, na minha escola tem gente de verdade”, cantava Renato Russo, e como não envolver nossa vida com tantas outras vidas?

As especificidades da organização do trabalho docente também nos constituíram e seguem nos constituindo. Vivendo-as, dentro e fora do espaço escolar, produzimos as professoras que somos. Em suas confluências e oposições às muitas outras dimensões e papéis sociais que nos constituem, fomos transformando-as em parte de nós, fomos imprimindo-lhes nuances e tonalidades singulares. (FONTANA, 2000, p.124).

A professora demonstra, em seu desabafo, o quanto se preocupa com a influência do seu jeito de ser no comportamento de seus alunos.

Ontem, eu saí da escola e pensei “Meu Deus eu sou horrível!” Eu sou bagunçada, por isso que meus alunos não têm ordem, porque eu não tenho ordem! Se eu não tenho ordem, eles também não vão ter! O que é que eu vou fazer para mudar? O que é que eu vou fazer para mudar essa situação?

Concordo com a professora Roseli Cação Fontana quando comenta que “É difícil se ver desse jeito, dar conta de tudo o que a gente é. Onde é que nós, com nossas contradições, vamos aparecer? Nos nossos alunos, por mais que isso seja doloroso. Eles nos contam as professoras que estamos sendo.” (2000, p.159).

Após discutirem os assuntos destacados acima na nossa avaliação final, o grupo de professoras elencou o aspecto formativo, ou seja, falaram sobre as minhas escolhas como formadora de professores, a organização dos conteúdos e a sequência de atividades que foram realizadas no decorrer dos oito encontros.

Falando mais da Lívia, da didática, foi bem próximo da gente. Você começou contando as histórias e era muito bom isso. Já tinha a questão do corpo, do relaxamento, você buscou uma sintonia com a gente. Você não só passou o que era importante sobre o contar histórias, mas vivenciar tudo isso, desde o primeiro encontro. Fazia o relaxamento, o toque, depois você trazia o embasamento teórico, que é muito importante para o estudo se concretizar mesmo. A questão da leitura, da discussão, do ler em casa de se preocupar “se você não tem eu vou mandar por e-mail ou vou tirar xerox”. Então você estava aí, nos alcançando (...). Isso é resultado, não só das coisas que nós estamos aprendendo, como da forma como você comandava, do jeito que você falava. Você não falava “Olha, você é muito apressada, espera aí. Como é que você vai contar história assim?”

A questão de você ser professora já nos faz ter um outro olhar. Não como nossa professora, mas como igual.

Porque é mais próximo...

Estar sempre tentando “alcançar” as professoras, ora com textos, recadinhos pela internet, trazendo experiências interessantes em nossos encontros. Desafios de um formador! Não um formador que tem o intuito só de ensinar algo a alguém, mas um formador que tem como desafio levar as professoras a um significativo encontro consigo mesmas e com um objeto de conhecimento, o qual nos dispomos a conhecer um pouco mais.

Porque aí, na formação, a questão não é aprender algo. A questão não é que, a princípio, não saibamos algo e, no final, já o saibamos. Não se trata de uma relação exterior com aquilo que se aprende, na qual o aprender deixa o sujeito imodificado. Aí se trata mais de se constituir de uma determinada maneira. (...) Trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo, de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito. Na formação humanística, como na experiência estética, a relação com a matéria é de tal natureza que, nela, alguém se volta para si mesmo, alguém é levado para si mesmo. (LARROSA, 2000, p.52).

Ter um parceiro no caminhar desta viagem, foi essencial para a construção de todo o conhecimento adquirido, tanto das professoras que participaram da oficina, como da professora-contadora-pesquisadora que aqui vos fala. Da mesma maneira que eu tinha o desafio de conduzi-las a esse encontro com a Arte de contar histórias e assim poderem visitar e voltar para si mesmas, como aponta Larrosa acima, também fui desafiada a voltar a minha formação como contadora, como professora, como pesquisadora e formadora de professores. Esse movimento de papéis, de lugares, de saberes e aprenderes foram determinantes na construção dessa pesquisa. Ir em frente, engatar a ré de vez em quando, escolher a direção errada na encruzilhada, acelerar, reduzir a velocidade, descarrilhar, voltar aos trilhos... O trem segue a sua infinita viagem.

O camponês, após essa descrição feita pelo mendigo, reconheceu imediatamente a sua casa e a sua figueira. Seu rosto, de repente, ficou iluminado e ele abraçou o mendigo tomado por esse entusiasmo e em seguida, resolveu retornar correndo a Ispahan com uma inexorável alegria. Chegando a sua casa, o homem nem teve tempo de abrir a porta. Rapidamente ele pegou uma pá e começou a cavar um buraco muito profundo ao pé de sua figueira. E lá encontrou, bem no fundo deste buraco, um imenso tesouro. O homem, então, se jogou no chão com o rosto contra a terra e disse: “Allah é grande e eu sou seu filho. Bendito aquele que sonha!”. Assim termina a história.

Entrou por um porta e ... saiu por onde?

*“Dentro da brecha da porta,
pus o quanto cabia de meu rosto.
E, como se o escuro de dentro me espiasse,
ficamos um instante nos espiando
sem nos vermos.”
“O que me acontecia?
Nunca saberei entender
mas há de haver quem entenda.
E é em mim que tenho
de criar esse alguém que entenderá.”*

Clarice Lispector
(A Paixão Segundo “GH”)

Ao final dessa longa viagem, as portas não se fecham, elas acabam se abrindo para dentro. Por vezes me deparei com esse escuro de mim mesma, buscando compreender na trajetória de um grupo de professoras, a minha própria trajetória como uma professora-contadora. Era a história de professoras da rede estadual, que caminhavam ao encontro da Arte de contar histórias e de si mesmas, para poder ressignificar sua prática educativa. Era a minha história entrelaçada, contada, revisada e recontada a mim mesma em cada palavra, em meu corpo e sobre a minha presença. E afinal, o que me acontecia? No decorrer de toda a pesquisa foi preciso criar, inventar, construir e desconstruir esse alguém, em mim, que entenderia.

Foram as situações vividas, partilhadas com nossos pares, com nossos muitos outros, questionadas, aplaudidas, rechaçadas por eles que, na sutileza de sua aparente desimportância, nos violentaram e nos forçaram a pensar, a buscar os sentidos de signos encobertos pelo hábito. Com essas situações aprendemos. Re-significamos práticas e ressignificamo-nos. (FONTANA, 2000, p. 180).

Neste trabalho, realizado em parceria com o grupo de professoras, outras novas histórias foram contadas e revisitadas trazendo mudanças para cada corpo, na reflexão sobre o sentido da palavra viva e sentida que precisa estar presente no dia a dia da escola e a busca pela presença que toca e faz toda a diferença na vida das crianças que nos são confiadas a cada ano escolar.

Arrematar as linhas finais de uma pesquisa ou encerrar a trajetória dessa viagem não significa colocar um ponto final, mas deixar em aberto um sonho que só faz sentido quando compartilhado com o outro, assim como “Os dois sonhadores” do conto, assim como o grupo de professoras que formamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Ricardo. **Armazém de folclore**. São Paulo: Ática, 2000.
- _____. **Conto popular, literatura e formação de leitores**. In: SILVA, René M.C. *Cultura popular e educação: salto para o futuro*. Brasília, 2008.
- _____. **Meu livro de folclore**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BELINKY, Tatiana. **O grande rabanete**. São Paulo: Moderna, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador in Magia, técnica, arte, e política: ensaio sobre a literatura e a história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.
- CAFÉ, Ângela B. **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores**. Goiânia: Editora UFG, 2005.
- CASCUDO, Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2002.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1989.
- COSTA, Cléria Botelho da. **Memórias compartilhadas: os contadores de histórias in Contar história, fazer história: história, cultura e memória**. Brasília: Unb, 2001.
- DECICO, Cristina. **O encanto do encontro: o jogo de faz-de-conta nas relações de ensino**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.
- DUARTE Junior, Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- FONTANA, Roseli Ap. C. **Como nos tornamos professoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC/SC, 2006.

GOUGAUD, Henri. **Contes dês sages sufis**. Ed Du Seuil, 1979.

KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1994.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

LEITE, M. Isabel e OSTETTO, Luciana. **Formação de professores: O convite da arte**". In: LEITE, M. Isabel e OSTETTO, Luciana. *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*. Campinas: Papyrus, 2004.

LACERDA, Nilma G. **Manual de tapeçaria**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

_____. **Arte-Educação e o conto de tradição oral: elementos para uma pedagogia do imaginário**. Dissertação de doutorado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1989.

_____. **O violino cigano e outros contos de mulheres sábias**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

MATOS, Gislayne A. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PAMPLONA, Rosane. **Novas histórias antigas**. São Paulo: Brique-Book, 1999.

PINHEIRO, Lívia R. **Essa história de contar histórias: a contribuição dessa arte na formação do Pedagogo**. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Educação, Unicamp, 2005.

_____; COENTRO, Vivane S. **Contar histórias: o encontro das histórias com crianças e adolescentes dos núcleos comunitários de Campinas**. In: Anais do COLE, Campinas, 2005.

ROCHA, Vivian Munhoz. **Aprender pela arte de narrar: educação estética e artística na formação de contadores de histórias**. Tese de doutorado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2010.

ROMERO, Silvio. **Contos Populares do Brasil**. São Paulo: Landy Editora, 2003.

SCIESZKA, Jon. **A verdadeira história dos três porquinhos**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2002.

SCHÖN, Donald A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Kátia Maria da. **O corpo sentado: notas sobre o corpo e o sentar na escola**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, 1994.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos da arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A arte do espetáculo vivo e a construção do conhecimento: vivenciar para aprender**. In: FRITZEN, Celdon. MOREIRA, Janine (orgs.). *Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana*. Campinas: Papirus, 2008.

_____ **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Cadernos Cedes, vol.21 n.53, Campinas, 2001.

_____ **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEISZ, Telma. **Diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2009.

ANEXOS

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – Sala de atividades corporais, da Faculdade de Educação (UNICAMP), local onde foi realizada a oficina para as professoras.

FOTOS 2 e 3 - Organização e classificação das perguntas realizadas pelas professoras e preparação de um cartaz.

FOTOS 4 a 11– Professoras representam a sequência das oito cenas, do conto “Príncipe Adil e os leões”.

FOTO 12 - Professoras fazem a leitura em voz alta, para retomar o conto “Príncipe Adil e os leões”.

FOTOS 13 e 14 – Professoras no decorrer da leitura começam a utilizar gestos e entonação de voz.

FOTOS 15 e 16 – Professoras contam a história usando apenas a expressão corporal como recurso.

FOTO 17 – Professora trouxe uma faca para representar o personagem do Príncipe.

FOTO 18 – Professora achou que o lenço representaria muito bem o clima do deserto.

FOTOS 19, 20 e 21 – Exercício para representar com o corpo, cada personagem do conto “Príncipe Adil e os leões”.

*Os dois sonhadores*²⁵

Há muito tempo atrás, na cidade de Ispahan na Pérsia, vivia um camponês muito miserável. Ele tinha uma casa humilde cor de terra ensolarada. Na frente da casa, tinha um caminho de pedras e no final desse caminho, havia uma fonte e uma enorme figueira. Isso era tudo o que aquele pobre homem tinha.

Esse homem trabalhava muito, porém a sua colheita era sempre um fracasso. Na fachada de sua humilde casa havia um relógio solar, já um tanto apagado pelo tempo, e quando este relógio indicava meio dia, o pobre homem fazia a cesta na aconchegante sombra de sua figueira.

Um dia, quando acabou adormecendo com a nuca contra o tronco da árvore, ele teve um sonho. No seu sonho, estava numa populosa, vasta e magnífica cidade. Ele caminhava por uma viela cheia de pequenas lojas que vendiam frutas, especiarias, cobre e tecidos multicoloridos. Ao fundo, bem ao longe, podia ver o céu azul onde apareciam os minaretes e as cúpulas dos palácios dourados. O homem contemplava com vigor todas essas riquezas, belezas e os rostos dispersos na multidão que andava pela cidade. Em seu semblante transparecia toda a luminosidade e a beleza deste sonho sagrado. Ao continuar a caminhada pela cidade, ele chegava próximo a beira de um rio, que era atravessado por uma ponte feita de pedras. Ali encontrava maravilhado, logo na primeira pedra da ponte, um cofre aberto com um prestigioso tesouro repleto de pedras preciosas e pepitas de ouro. Neste momento ele ouvia uma voz que lhe dizia: “Você está aqui na cidade do Cairo, no Egito. Esse tesouro, meu amigo, é todo prometido a você.” Mas ao acabar de ouvir essas palavras, o homem acordou debaixo de sua figueira em Ispahan. Pensou rapidamente que Allah o amava e queria enriquecê-lo. “Verdade”, ele disse, “esse sonho deve ser fruto da indulgente bondade de Allah!”.

Naquele mesmo instante, o homem preparou a sua trouxa, escondeu a chave de sua casa entre duas pedras no muro e foi embora para as terras do Egito procurar o seu tesouro.

A viagem foi longa e perigosa, mas, graças ao seu pé forte e a sua boa saúde, nada lhe aconteceu. Ele escapou de brigadas, de animais selvagens e de várias armadilhas da estrada. No final de três exaustivas semanas, ele chegou à cidade do Cairo e encontrou tudo exatamente como havia sonhado. Ao passar pela mesma rua, o homem caminhava em meio à multidão e reconhecia cada rosto e o comércio de coisas vindas de todas as partes do mundo. Ele foi se guiando pelos mesmos minaretes e lá longe o céu estava azul e límpido. O homem chegou até a margem do rio onde havia uma ponte de pedras. Logo na chegada, pode avistar a mesma primeira pedra da ponte. Ele correu em sua direção e suas mãos já estavam ansiosas para pegar aquela fortuna. Mas, ele mal chegou à ponte, e seus olhos não podiam acreditar no que viam. Lá, no lugar onde deveria estar o tão sonhado tesouro, havia apenas um mendigo que estendia a sua mão pedindo um pedaço de pão.

Então, o pobre caçador de sonhos, com todas suas forças e possibilidades esgotadas, se desesperou. “Pra que serve viver?” ele disse, “nada mais é possível neste mundo”. Com seu rosto banhado de lágrimas, ele se aproximou do parapeito da ponte de pedras e resolveu se jogar no rio. O mendigo o segurou pela ponta do pé e o trouxe para a parte segura da ponte. Agarrando o homem pelos ombros, disse: “Por que você quer morrer, pobre louco, neste dia tão bonito?”

²⁵ GOUGAUD, Henri. *Contes des sages sufis*. Ed du Seuil, 1979.

O homem, chorando a cântaros contou tudo, toda a sua história: o sonho, a esperança em encontrar o tesouro, a longa viagem e sua grande decepção. Então, o mendigo começou a rir, e, às gargalhadas, batendo uma mão contra a outra, como se estivesse chamando a atenção daquela multidão que passava pela cidade, disse:

“Olhem bem aqui o mais perfeito idiota da face da terra. Que loucura resolver fazer uma viagem tão perigosa e longe como esta, só por causa de um sonho. Eu que acreditava ser o espírito mais indigno da terra... Mas depois de você, meu caro, eu sou o mais sábio de todos os santos dervixes. E eu, que todas as noites, já há muitos anos, tenho o mesmo sonho. Sonho que estou em uma cidade desconhecida, seu nome acredito ser Ispahan, onde há uma casa pequena cor de terra ensolarada. Na fachada desta casa pobremente ornada, tem um relógio solar já um tanto apagado. Na frente da casa tem um caminho de pedras e no final deste caminho, uma fonte e uma enorme figueira. Todas as noites no meu sonho, eu cavo um buraco profundo no pé desta figueira e descubro um cofre cheio, mas até a borda, de pedras preciosas e de pepitas de ouro. Eu sonho com isso, mas nunca pensei em sair correndo atrás dessa miragem. Não, eu sou um homem razoável e continuo a mendigar tranquilamente aqui nesta movimentada ponte. “*Songe, mensonge*”²⁶ diz o provérbio, onde Deus te colocou é onde deve ficar. Vá homem, medite, e seja no futuro menos ingênuo que você viverá melhor.

O camponês, após essa descrição feita pelo mendigo, reconheceu imediatamente a sua casa e a sua figueira. Seu rosto, de repente, ficou iluminado e ele abraçou o mendigo tomado por esse entusiasmo e em seguida, resolveu retornar correndo a Ispahan com uma inexorável alegria. Chegando a sua casa, o homem nem teve tempo de abrir a porta. Rapidamente ele pegou uma pá e começou a cavar um buraco muito profundo ao pé de sua figueira. E lá encontrou, bem no fundo deste buraco, um imenso tesouro. O homem, então, se jogou no chão com o rosto contra a terra e disse: “Allah é grande e eu sou seu filho. Bendito aquele que sonha!”

Assim termina a história.

²⁶ Em Francês “*songe, mensonge*” faz um jogo de sons com as palavras. *Songe* = sonho e *mensonge* = mentira, que tem som de “meu sonho”.

*Príncipe Adil e os leões*²⁷

Havia um rei muito poderoso que se chamava Azad. Ele tinha um único filho, o príncipe Adil, que tinha acabado de completar dezoito anos. Logo depois de seu aniversário o rei mandou chamá-lo à sua presença, para que lhe fosse anunciada uma notícia muito importante.

Quando chegou à sala do trono, o grão-vizir lhe disse que sempre havia sido costume na sua família, que o herdeiro do trono, ao fazer dezoito anos, deveria passar por um teste, para provar que poderia ser um bom governante.

O príncipe seguiu seu pai e o grão-vizir até uma cova que ficava numa rocha a uma certa distância do palácio. Nela havia uma porta com uma grade. O príncipe olhou através da grade e viu lá dentro, ao fundo, um enorme leão. Ao vê-lo, o animal soltou um rugido de fazer estremecer as paredes. No chão da caverna havia uma grande quantidade de ossos.

- O que significa isso? - perguntou Adil com muito medo.

- Sua prova é enfrentar esse leão, disse o rei, como todos os seus antepassados fizeram antes de você, para serem dignos de herdarem o trono.

O príncipe empalideceu e mal conseguiu falar:

- Enfrentar esse monstro? Como poderei fazer isso? O máximo que consegui fazer até hoje foi matar um antílope não muito grande. Eu tenho certeza que um leão deste tamanho e com toda esta força é um desafio maior do que eu, disse o príncipe quase sem voz.

- Não se preocupe, disse o grão-vizir. Você não precisa fazer isso agora. Um dia você poderá enfrentá-lo, quando estiver preparado. Não há pressa.

Em seguida surgiu um escravo que jogou um naco de carne para o leão, que a devorou imediatamente.

Depois disso Adil já não era mais o mesmo, ainda que seu pai não tocasse no assunto da prova e o tratasse com a mesma consideração de sempre. Ele não conseguia sentir prazer em nada, pensando na tarefa que tinha que cumprir e achava que tinha que realizá-la o mais rápido possível.

Até que finalmente ele na agüentou mais tamanha ansiedade: numa noite, depois de virar-se e revirar-se na cama sem conseguir dormir, ele se levantou, vestiu-se, encheu uma bolsa com muitas moedas de ouro e foi até o estábulo. Acordou um fiel escudeiro e pediu-lhe que selasse seu melhor cavalo e que avisasse o rei seu pai que ele havia partido para uma longa viagem.

Depois ele seguiu para uma noite enluarada, atrás de uma solução para o seu terrível problema. O príncipe nunca havia saído de seu reino e, à medida que se afastava dele, por estradas desconhecidas, foi encontrando lugares que nunca imaginara que existissem.

Ao amanhecer, chegou a uma paisagem muito bela, onde havia um rio e prados verdejantes às suas margens. Enquanto seu cavalo bebia água, o príncipe começou a ouvir um doce som de flautas, que eram tocadas por pastores enquanto cuidavam de seus rebanhos. Adil perguntou a um deles onde poderia passar aquela noite e foi levado ao dono daquelas terras, conhecidas como as terras dos tocadores de flautas celestiais.

²⁷ MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

Harun era seu nome e ele morava numa bela casa muito espaçosa e agradável. Recebeu o príncipe com grande hospitalidade e foi logo perguntando:

- De onde você vem, meu rapaz?

O príncipe respondeu com evasivas, dizendo que estava buscando solução para uma questão pessoal e por isso tinha viajado, mas não queria falar sobre esse assunto.

Harun disse que Adil poderia ficar em sua casa quanto tempo quisesse e que ali estivesse à vontade. Seu cavalo foi levado ao estábulo e o príncipe pensou que aquele estábulo era tão tranqüilo, que lhe dava vontade de ficar um bom tempo ali.

Todos os dias ele passeava nos arredores e descobria lugares encantadores de onde sempre se podia ouvir o som das flautas dos pastores.

Numa noite, quando havia se recolhido a seu quarto, o príncipe ouviu rugido de leões, não longe da casa. Na manhã seguinte, apavorado, perguntou a Harun se por acaso havia algum tipo de leão naquela região.

- Ah sim, respondeu ele calmamente. Este lugar está infestado de leões. Eles saem de suas tocas à noite, para caçar; como você ainda não os tinha notado? Por isso mandei construir esse muro em volta da casa, para proteger minha família destas feras. E Harun dizia isso dando risada, era como se o assunto fosse divertido.

Imediatamente, com muito medo, o príncipe preparou seu cavalo para partir. Despediu-se de Harun agradecendo sua hospitalidade e saiu galopando pelo caminho, o mais rápido que podia.

Depois de um bom tempo de viagem, chegou a um deserto que não parecia ter fim. Arbustos baixos e secos apareciam de vez em quando, em meio a um vento fustigante que levantava uma poeira insuportável. Adil sabia que precisava logo encontrar água para ele e seu cavalo, pois não sobreviveriam muito àquelas agruras. Ele fez uma prece, pedindo para que pudesse chegar a um oásis.

Como resposta à sua oração, ele viu ao longe no horizonte um acampamento beduíno de tendas negras. Os guerreiros se aproximaram e o saudaram gritando “Asalaamawalikum”!

Adil foi levado por eles até o sheik, que o recebeu calorosamente, dizendo-lhe que se sentia honrado em recebê-lo e que ele poderia ficar ali quanto tempo desejasse.

O chefe guerreiro ofereceu-lhe uma suculenta refeição de carneiro cozido, arroz com especiarias, figos e tâmaras muito doces. Enquanto conversavam, o sheik perguntou a Adil qual o motivo da sua viagem.

Só posso dizer que deixei minha casa para resolver um problema, para poder pensar melhor até perceber que está na hora de voltar.

O sheik sorriu e lhe disse, olhando-o com seus olhos penetrantes:

- É o tempo que nos dá todas as respostas, se tivermos paciência.

Os dias foram passando e o príncipe achou que poderia ficar para sempre naquele lugar. Respirando o ar fresco do deserto, caçando antílopes na companhia do sheik, ele estava muito feliz.

Um dia, depois de um bom tempo entre os beduínos, o velho sheik lhe disse:

- Meu filho, somos guerreiros e temos que lutar com outras tribos. É preciso ser muito valente para viver entre nós. Gostamos de você e apreciamos sua companhia. Se quiser permanecer conosco, no entanto, gostaríamos de submetê-lo a um teste em que nos mostrasse sua capacidade guerreira. Está vendo aquelas montanhas no horizonte? Pois lá existem muitos leões. Basta que você mate um deles e traga-nos a sua pele, para que seja imediatamente aceito como um dos nossos.

Adil pôs-se a tremer de pavor e deu uma desculpa ao sheik, falando que tinha que partir com a máxima urgência.

Enquanto ele abandonava o acampamento, ele disse para si mesmo:

Meu Deus, não consigo entender por que encontro leões em qualquer lugar para onde vou. Pois eu deixei o palácio de meu pai justamente para evitá-los.

Viajou muito tempo pela noite cheia de estrelas. De manhã chegou a uma bela região onde as flores cresciam à beira das estradas, por toda parte. Ao longe avistou um magnífico palácio, o mais belo que ele jamais vira. Era feito de uma pedra rosada, com uma coluna de lápis-lazúli e balcões de madeira esculpida e pintada de várias cores. Havia fontes nos jardins à sua volta, pássaros de todas as cores, imponentes pavilhões em que se sentia em que se sentia o delicioso perfume de jasmims e rosas.

- Esse lugar parece um paraíso na terra! – disse Adil para si mesmo enquanto se aproximava do palácio.

Chegando aos portões, o príncipe foi conduzido pelos guardas a um suntuoso quarto de hóspedes, onde servos o esperavam com um banho aromático e roupas novas sobre a cama.

Mais tarde ele foi levado até o Emir, um nobre homem barbudo que lhe perguntou por que estava viajando.

- Minha situação é muito delicada, tanto que não gostaria de falar dela – respondeu o príncipe um tanto constrangido. Eu deixei meu país com um problema que preciso resolver.

- Eu entendo – disse o Emir respeitosamente.

Nesse momento, uma porta interior se abriu e dela surgiu a mais bela jovem que o príncipe já tinha visto. Era a princesa Peri-Zade, filha do Emir, que tinha lindos olhos amendoados e um cabelo negro como a cauda de um pássaro. Adil ficou completamente encantado com ela.

Depois da refeição, o Emir convidou Adil a percorrer toda a extensão do palácio. Subindo escadas de mármore chegaram a vários quartos repletos de móveis da mais fina madeira. Sobre as paredes e no teto havia mosaicos de turquesa, ouro, afrescos e uma grande quantidade de espelhos. As janelas eram de vidro transparente pintado em cores delicadas e os tapetes macios como seda. Tudo era feito com tanta arte e bom gosto que parecia obra de mãos celestiais.

Admirando todo aquele esplendor à sua volta, Adil pensou que naquele lugar ele poderia passar o resto de sua vida.

Muitos dias se passaram. A princesa Peri-Zade dedicava-se a mostrar para Adil os jardins em várias horas diferentes. Um dia, ao entardecer, ele a ouvia catar e tocar alaúde com voz delicada, quando escutou um som que o deixou paralisado.

- Que ruído foi esse? Ele perguntou, interrompendo a música.

- Foi ali, perto daqueles arbustos. Parecia o rugido de um leão.

Ela sorriu e lhe disse:

- Ora, é só Rustum, nosso guardião, como o chamamos. É nosso animal de estimação. A esta hora ele vigia nossos jardins e à noite ele dorme à porta do meu quarto.

Desse momento em diante, Adil não teve mais sossego e no jantar quase não tocou na comida. Quando subiu as escadas acompanhado pelo Emir, levou um susto enorme com o leão parado à porta de seu quarto.

- Pode se sentir honrado – disse o Emir -, Rustum está tomando conta de seu quarto. Ele não faz isso com muita gente e pode ficar tranquilo porque ele é muito manso.

- Pois eu estou com medo dele assim mesmo, respondeu Adil bastante envergonhado.

Mas o Emir virou as costas deixando Adil com o leão. O príncipe abriu a porta e o mais rápido que pôde fechou-a atrás de si.

E é claro que não pôde dormir a noite inteira. Pela manhã, começou a pensar que seria melhor voltar para casa, já que havia tantos leões no seu caminho. Seria melhor enfrentar o leão que o esperava na cova do palácio de seu pai e acabar logo com isso, em vez de ficar fugindo a vida toda.

Decidido, foi falar com o Emir e lhe disse:

- Peço permissão para partir e cuidar do meu próprio problema à minha maneira, para voltar e estar em paz comigo mesmo. Tenho agido como um covarde e quero deixar de fazê-lo, pela honra de meu pai. Sou o filho do rei Azad e fugi do dever que todos os homens da minha família devem realizar. Agora sinto vergonha e sei que nunca poderei pedir a mão da princesa Peri-Zade enquanto não lutar com o leão naquela cova.

- Muito bem falado, meu filho, disse Emir. Desde o primeiro momento eu soube quem você era, pois você se parece muito com seu pai quando jovem. Sempre respeitei e admirei o rei Azad. Vá, lute com o leão e eu lhe darei minha filha em casamento. O príncipe montou em seu cavalo e galopou de volta para casa. Quando passou pelo acampamento das tendas negras, o sheik lhe disse:

- Que bom vê-lo, Príncipe Adil, fui amigo do seu pai quando tínhamos a idade que você tem agora. Eu logo soube quem você era pela enorme semelhança que você tem com ele, aliás, maior agora que no dia em que você chegou aqui.

Adil contou-lhe sobre sua intenção ao voltar para casa e o sheik ficou satisfeito. Na manhã seguinte o príncipe continuou a viagem e durante o longo caminho começou a se lembrar de seu pai e de tudo que havia deixado quando partiu. Descobriu que estava com muita saudade de casa. Mal podia esperar para dizer a seu pai que estava preparado para enfrentar o leão dentro da cova.

Logo chegou à terra dos tocadores de flauta celestiais. Quando encontrou Harun diante de sua casa, saudou-o dizendo:

- Quando cheguei aqui pela primeira vez eu me comportei como um covarde. Agora estou pronto para lutar e fazer o que meus antepassados fizeram, seja qual for o resultado.

- Muito bem – disse o velho homem -. Seu pai e eu fomos companheiros na juventude, eu sempre soube que você era filho dele e que na hora certa iria resolver seu problema. Que Deus o acompanhe. Algum tempo depois, nem bem chegou a seu reino, Adil pediu a seu pai e ao grão-vizir que o acompanhassem até a cova do leão. O velho rei abraçou-o e os três se dirigiram para a caverna.

Com uma espada na mão e uma adaga na cintura, o príncipe abriu a porta gradeada e entrou, corajosamente. O leão estava lá no fundo e assim que o viu, levantou a cabeça e começou a andar lentamente na sua direção. Na entrada da cova, Adil foi a seu encontro. Cada um avançava devagar, passo a passo. De repente o leão parou, no meio da caverna, e, abrindo a bocarra enorme, deu um rugido tão forte que as paredes tremeram. O príncipe olhou-o sem medo, armas na mão, enquanto o rei e o grão-vizir aguardavam na porta, em silêncio. O leão deu outro rugido, mais forte que o anterior, e chegou perto dele. Então, para o espanto do príncipe, começou a esfregar sua cabeça contra seus joelhos e, inclinando-se mais, lambeu suas botas.

- O que significa isso? – perguntou Adil desconcertado.

- Como você pode ver, disse o grão vizir, este leão não faz mal a ninguém. Seu teste era enfrentá-lo e isso você já fez, provando completamente seu valor, para continuar a perpetuar a tradição de seu reino. Agora você é digno de ser o nosso futuro reino. Louvado seja Deus.

O príncipe mal podia acreditar no que tinha acontecido e quando se virou para voltar ao palácio, o leão o seguiu, andando a seu lado.

Todo mundo comemorava a notícia do sucesso do príncipe, que espalhou alegria e festa por todo o reino. De acordo com a tradição, o rei distribuiu moedas de ouro e prata para o povo.

Quando Adil revelou a seu pai o amor que sentia pela princesa Peri-Zade, o rei mandou um emissário buscá-la.

Depois de um tempo que pareceu a Adil uma eternidade, a princesa chegou em seu cavalo branco ricamente ajaezado, com uma magnífica comitiva. Acompanhada por parentes e amigos, todos vestidos com as mais belas roupas de casamento.

Durante sete dias e sete noites, as pessoas comeram, beberam e dançaram, comemorando a união de Adil e Peri-Zade.

Eles foram muito felizes e depois de certo tempo, quando o rei Azad morreu, Adil tornou-se rei. Então, no chão do quarto em que costumava estudar, ele fez uma inscrição com letras de ouro. Nela se podia ler:

Nunca Fuja de um leão.

(Conto relatado por Amina Shah).

Grupo de Estudos - Arte de contar histórias
Projeto de pesquisa – Livia Pinheiro
Questionário

Nome: _____

Data de nascimento: _____

e-mail: _____

Qual a sua formação?

Fez Pedagogia? Em qual Instituição? Em que ano concluiu?

Que outros cursos você fez e gostaria de citar?

Há quanto tempo leciona? _____ E no Estado? _____

Qual a sua situação no Estado? () Efetiva () OFA

Por que você aceitou fazer parte deste projeto?

O que você espera desses encontros?

Você costuma contar histórias para seus alunos? () Sim () Não

Você acha importante? () Sim () Não

Se sim, por quê?

Nas linhas abaixo segue um espaço para que você relate como é o momento de “contar histórias” em sua sala.

Perguntas feitas pelas professoras no Primeiro Encontro

O Contador

- ✓ E se eu esquecer? Der branco? O que eu faço?
- ✓ Como prender a atenção?
- ✓ Com que roupa devo contar uma história?
- ✓ Preciso teatralizar as histórias?
- ✓ Como conter a vontade de rir?
- ✓ Pessoas tímidas podem, conseguem contar histórias?
- ✓ Pessoas criadas em meio à quem conta histórias (como os repentistas do nordeste) terão sempre maior facilidade para contar histórias?
- ✓ Preciso decorar as histórias?
- ✓ Posso contar histórias sem a fala (na mímica)?
- ✓ Como usar a fisionomia? Preciso representar com a face?
- ✓ Como usar as mãos?
- ✓ Como contar a história?
- ✓ Como usar os olhos?
- ✓ Como vencer a timidez?
- ✓ Como escolher as histórias?
- ✓ Como usar a voz, entonação?
- ✓ Existem técnicas respiratórias e de concentração?
- ✓ Preciso explicar uma história antes de começar?
- ✓ Como começar uma contação?
- ✓ Preciso de adereço?

O Público

- ✓ E se a platéia for “sem graça”?
- ✓ Tem idade a quem contar histórias?
- ✓ Pra quem contar?
- ✓ Como envolver alguém em uma história?
- ✓ Como fazer a criança gostar da história lida, sem representação?

As histórias

- ✓ Onde contar histórias?
- ✓ Preciso decorar uma história?
- ✓ Posso reescrever uma história?
- ✓ Como terminar uma história?
- ✓ Qual a importância de se contar história?
- ✓ Posso mudar o texto ao contar?
- ✓ Histórias escritas ou orais?
- ✓ O que fazer se esquecer a história?
- ✓ Existem pesquisas que mostrem quais histórias são mais apropriadas ou mais interessantes aos diferentes públicos (adulto/infantil)?